



Apoios:

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

Instituto Português da Juventude

M.C. Direcção Regional da Cultura do Alentejo

Galp Energia - Refinaria de Sines

cena's

publicação cultural

**No "star system"
há muita poeira, muita
areia para os olhos!**

/ entrevista com Miguel Seabra / p.3

Teatro Azul

/ Manuel Graça Dias / p.7

**7ª Mostra de Teatro
de Santo André**

/ p. Centrais

06

Primavera / Verão 2006

Vila Nova de Santo André

EDITORIAL

Propriedade

AJAGATO
Associação Juvenil Amigos do GATO

Colectivo de Redacção

João Madeira
Maria Afonso
Mário Primo
Tília
Z. dado

Colaboram neste número

Alberto Nico
Carlos Sobral
David Pádua
Edgar Raposo
Felizarda Barradas
João Madeira
Hugo Lopes
Isabel Moura
Luís Cruz
Luís Manuel Filipe
Manuel Graça Dias
Maria Afonso
Martins Quaresma
Matos Costa
Nuno Silva
Rita Amado
Rita Wengorovius
Z. dado

Administração e Secretariado

Manuel Fonseca Santos
Maria Aurélia Patrício

Concepção Gráfica

Paginação
Pedro Dias

Periodicidade

Semestral

Impressão

Tipografia Avenida

Tiragem

1400 exemplares

Custo

Duas cenas

Contactos

AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo
André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167
www.gatosa.com
e-mail: cenas@gatosa.com
e-mail: geral@gatosa.com

Cena's 6 foi, pela mão da Rita Amado, ouvir o Miguel Seabra dizer, numa entrevista sobretudo carregada de vida, que há quem não conceda grandes apoios ao Teatro, porque o Teatro inquieta, agita. O Miguel, sem a língua entaramelada, dizia que essa era a política da Direita. É a sua opinião. E não será, certamente, apenas a sua. Mas com ou sem essas dicotomias, uma coisa parece certa, pela própria experiência do dia a dia – os financiamentos à cultura estão a ser garroteados e, nos últimos tempos, nunca foi tão difícil aceder a apoios para iniciativas nos diferentes campos de actividade.

Parece haver uma obstinação cega, para mais sem capacidade de apresentar resultados visíveis, alimentando uma espiral de *mais do mesmo*, que está a afectar a capacidade do estado escorar, no que aqui nos interessa, as iniciativas culturais, que sendo desenvolvidas por organizações sem fins lucrativos – associações, cooperativas, grupos informais – sem apoios públicos dificilmente subsistem ou têm sequer um mínimo de viabilidade. E, porventura mais grave ainda, essa atitude parece estar a contagiar outras entidades, de natureza privada, mas

também de natureza pública, de âmbito local ou regional, que procedem do mesmo modo, invocando os tempos difíceis ou ressacas de esbanjamentos recentes, em que, mais uma vez, a cultura foi instrumento de estratégias várias.

Objectivamente, vai-se instalando a ideia de que o “não há dinheiro” ou o “é preciso contenção” corresponde à quase inutilidade social da criação ou da mediação culturais.

Paradoxalmente, e, de certa forma, perversamente, foram as nossas dificuldades que, adiando para agora a edição deste nº 6 da Cena's, acabariam por viabilizá-la, assegurado que estava desde meados de 2005, e para esse ano, o seu próprio financiamento. Senão estaríamos a equacionar de modo mais chegado, e certamente também mais angustiante, a própria capacidade de continuar o projecto. Resistir, parece ser o mote. Resta saber como. Certamente reclamando, mas provavelmente também construindo ou reconstruindo novas redes, novas solidariedades, novas formas de pressão, pressão social, evidentemente, em que o esforço pela qualidade e pelo impacto público deverão constituir preocupações centrais.

SUMÁRIO

3,4,5,6 / bocas de cena / No “Star-sistem” - entrevista com Miguel Seabra / Rita Amado / 7,8,9 / teóricas e práticas / Teatro Azul / Manuel Graça Dias / 10,11 / descritas / Na palma da mão - A sacola da avó / Isabel Moura e Matos Costa (Ilustrações) / 12,13 / cenas da memória / O Túnel / Luís Cruz / 14 / vemos / Luís Manuel Filipe / 15 / ouvimos / Hugo Lopes / 16 / lemos / Maria Afonso / 17 / em cena / Z.dado / 18,19 / quadradinhos / A Caixa / David Pádua e Edgar Raposo / 20,21,22,23 / cenários / Os descobridores de Yucatan / Nuno Silva / 24,25 / teóricas e práticas / Teatro umano / Rita Wengorovius e Alberto Nico / 26 / patrimónios / As Fontes / Carlos Sobral / Fontes Santas / Martins Quaresma / 27,28,29 / a preto e branco / Felizarda Barradas / 30,31 / photohistórias / Burguesas, seguramente burguesas / João Madeira / pag. cent. / aqui há gato / Programa da 7ª Mostra de Teatro de Santo André

No "star system"

**há muita poeira,
muita areia para os olhos!**

"É muito simples: o pardal macho tem uma mancha preta no peito e na garganta; o pardal fêmea não apresenta grandes traços distintivos". É muito simples. É mesmo muito simples, mas só para quem está atento e dança na pauta da vida ao seu próprio ritmo! Foi com esta simplicidade e serenidade que conversámos, que bebemos o nosso café, que comemos o nosso pastel de nata e que perdemos o rasto do tempo, sem nos sentirmos culpados por isso. Foi simples, de facto!

"O único sentido do encontro está no encontro em si." Palavras dele, do homem, do actor, do encenador, do formador, do pai... Palavras de Miguel Seabra, que em jeito de conversa e em tom de confidências se revelou um apaixonado pela vida, pelo teatro, pela Laura, pelos encontros... Encontrem-no ou encontrem-se na entrevista que se segue...



A discrição faz parte do teu perfil, pelo menos a nível mediático. É uma opção tua manteres-te fora do dito “star system”?

Isso tem a ver com várias coisas. Entre elas, o facto de eu ter tido um AVC em 1995 que afectou a minha imagem e mobilidade, o que me afastou da televisão e do cinema. Por outro lado, gosto mesmo muito de teatro, de representar, de encenar, de produzir e de formar pessoas. No “star system”, há muita poeira, muita areia para os olhos! Incomoda-me, por exemplo, a facilidade com que se é actor. Criou-se uma dinâmica de marketing e imagem, o “macdonalds da representação”, em que a lógica do “usa e deita fora” prevalece. Eu não me revejo nesse modelo.

Aos trinta anos deparas-te com um AVC, ficas 10 dias em coma e depois despertas com algumas lesões. Como é que essa experiência é vivida e assimilada?

Eu penso que as grandes contrariedades são oportunidades privilegiadas de crescimento. E uma pessoa decide apanhar essa “boleia” ou não. O AVC permitiu-me confrontar-me com a vida, conhecer outras dimensões e abolir alguns conceitos enraizados e valorizar outros, nomeadamente dar comida aos pássaros, como o estava a fazer ainda há pouco.

Há o Miguel antes do AVC e o Miguel após o AVC?

Eu penso que não mudei radicalmente. Agora sou eu mais a experiência do AVC. Acredito também que nós atraímos aquilo que precisamos de viver e, sem entrar numa atmosfera esotérica, eu considero uma benção ter-me deparado com tais limitações.

É quase como um processo alquímico?

“O caminho faz-se caminhando!” Vai-se descobrindo. Eu estou a descobrir

uma série de coisas agora a falar contigo, para além do óbvio, para além das palavras ditas!

Isso é ver para lá do aparente, para lá do material, no território do invisível. É quase um hino ao não dito. Essa tua postura perante a vida traduz-se também no teu trabalho com os actores?

Eu costumo dizer aos meus actores: “Não façam, não queiram fazer!” E os actores ficam baralhados relativamente a este processo. “Isso é para fazer, mas não façam. Não manipulem, não façam deliberadamente. Deixem acontecer!” Eu não sei explicar isto objectivamente. Sei que tem que ver com a intenção. Quando se coloca uma carga de vontade no processo, o resultado já fica tremido!

Seguindo o teu raciocínio, como é que se desenvolve então o processo criativo?

Para criar é preciso aceitar. É preciso parar, deixar fluir sem manipular.

É um jogo dicotómico entre a harmonia e a desarmonia, entre o equilíbrio e o desequilíbrio, no fundo a tensão e depois a transformação...

O Peter Brook diz que “o diabo é o aborrecimento”!

Neste momento estás a trabalhar Samuel Beckett. Como é vasculhar nesse universo do absurdo em que a aparente negatividade do vazio se converte em potência activadora de uma cena?

Beckett disse uma frase fantástica: “Eu disse exactamente aquilo que quis dizer!” Isto é extraordinário tendo em conta todo o leque de (im)possibilidades com que Beckett nos confronta.

O que te fez pegar novamente em Beckett?

Um dos caminhos do Teatro Meridional é o teatro do absurdo.

No entanto, o teatro meridional é bastante conhecido por explorar e às vezes até privilegiar outras formas de comunicação alheias à palavra. Em Beckett a palavra é sagrada...

Exacto. Mas Beckett é um autor maior! É um prazer trabalhar os seus textos, que têm tanto de complexo como de simples. É um desafio fascinante! Depois de ENDGAME eu fiquei à ESPERA DE GODOT. Estava à espera da possibilidade de fazer À ESPERA DE GODOT. Desde que tive o AVC realizei que a esperança é a única coisa que se tem. Então espera-se. Espera-se que seja passageiro, espera-se que não seja verdade, espera-se que a recuperação seja rápida...

Espera-se que alguém nos espere!...

Também! Uma esperança que quase não é materializável por palavras! Foi devido a este universo de referências que me propus a interpretar e encenar o À ESPERA DE GODOT. Um grande desafio e um trabalho muito exigente de actor.

Sempre pensei que os actores e os médicos tinham de ser pessoas iluminadas e humildes, por vasculharem em várias emoções e por lidarem de perto com a fragilidade humana. A verdade é que nem sempre é assim. Esqueci-me do pormenor do ego, que é uma grande finta...

Engraçado estares a dizer isso. Eu equiparo um actor mais a um enfermeiro que a um médico, porque está ao serviço de algo ou alguém. Isso significa que se tem algum poder e é preciso ter muito cuidado com isso. A humildade é essencial! Quem escolhe ser actor não escolhe uma simples profissão, mas um posicionamento perante a vida. Há uma grande responsabilidade em ser-se actor.

Quando recebi o globo de ouro disse: “quero agradecer à Caras e à Sic porque



todos os actores nomeados para estas categorias são de facto actores e actrizes”. Queria com isto dizer que não se tratava de manequins ou noveleiros que apareceram ontem. Para além disso, é fantástico terem dado o prémio a um deficiente físico.

Um actor é um actor per se, não é loiro, não é bonito, não é deficiente, não é alto... É actor!

Sim, é verdade. Um verdadeiro actor não tem outros rótulos.

Falando agora do Alentejo, como é que o descobriste no trabalho de pesquisa que fizeste em Évora, durante um ano, e que resultou no espectáculo “para além do Tejo”?

Nós fomos trabalhar no Alentejo sobre o Alentejo, sem a pretensão de fazer uma recolha antropológica nem de

dar muita atenção àquelas questões que saltam logo à vista.

Estás a referir-te, por exemplo, ao Alentejo politizado, ao problema do desemprego ou ao envelhecimento da população?

Como é que um artista olha para uma circunstância e a transforma num objecto teatral, foi o objectivo deste trabalho. Passei por todos esses temas que resultaram em diversos quadros teatrais. O Alentejo na sua dimensão, na sua secura, na sua lonjura, na sua higiene e camaradagem, no seu historial ligado à resistência (é preciso resistir muito para trabalhar debaixo daquele sol)... Tudo isto, forma todo um panorama com o qual me identifico enquanto pessoa e artista. Foi uma óptima experiência, deslocar-me para lá e vivenciar tudo aquilo.

A itinerância é uma das palavras de ordem do teatro meridional. Entendes como um serviço ou uma missão levar o teatro a outros públicos?

O Teatro meridional define-se com esse propósito. Começou com dois espanhóis, um português e um italiano. Já representámos em 18 países e vamos continuar a fazê-lo porque o projecto foi concebido para esse fim.

O que é que define essa teatralidade mediterrânica?

A festa, a improvisação, a alegria, o calor, a inquietação, o drama, a paixão, o toque, a sensualidade. Tudo características desta cultura latina. A itinerância para mim é fundamental. Primeiro, porque gosto muito de viajar. Depois, porque é muito enriquecedor a nível pessoal e profissional. Todos



Miguel Seabra
Lisboa - 1965

Terminou a Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa - Curso de Formação de Actores – em 1992.

Nesse mesmo ano funda o Teatro Meridional, Companhia que dirige e que tem marcado o seu percurso artístico como actor, encenador, designer de luz, formador e produtor.

É professor convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema onde lecciona as disciplinas de Interpretação (Deptº de Teatro) e de Dramaturgia e Representação (Deptº de Cinema).

Em 2005 recebeu o Globo de Ouro de Melhor Actor de Teatro 2004, pela sua interpretação da personagem Clov, na peça Endgame, de Samuel Beckett.

os espectáculos são diferentes, os públicos são diferentes, as perguntas e as respostas também. É como estar constantemente a soluçar e isso para mim é vital, para evitar o adormecimento.

Que opinião é que fundamentas sobre a descentralização do teatro e dos respectivos espaços criados para esse efeito?

O teatro nunca vai desaparecer. Não é de estranhar que a Direita não privilegie nas suas políticas, grandes apoios ao teatro. Porque o teatro inquieta. O teatro põe as pessoas a pensar, abre janelas e levanta hipóteses, no fundo, o teatro agita. É inerente ao ser humano pensar e questionar. Por isso haverá sempre teatro com um espaço próprio ou não. É verdade que estão a abrir cada vez mais salas de teatro em Portugal. O que eu reparo é que

há um divórcio claro entre a plateia e o palco! Constatos que esses arquitectos estão a tornar-se nuns verdadeiros assassinos de salas de teatro. Projectam para o seu próprio ego, sem prestar qualquer serviço à actividade em questão. Denotam uma falta de sensibilidade artística e cultural para perceberem as necessidades elementares dum espectáculo. Por exemplo, é raro o Teatro que tem boas condições de luz frontal fora do palco. Isto em pleno século XXI é um absurdo!

Para sairmos desse absurdo e terminarmos em chave de ouro, diz-me uma frase, um pensamento que te motive ou inspire.

“Dizer a coisa certa, à pessoa certa, no momento certo, da forma certa!”
(Platão)

Cena Rápida

Actriz: Carla Maciel

Actor: Al Pacino

Certeza: Estar aqui a conversar contigo!

Sonho: Poder acompanhar a minha filha Laura o mais tempo possível!

Medo: Ignorância

Palavra: Olhos

teatromunicipaldealmada

teatroazul



“(…) a cidade era difícil de simbolizar, (…) não tinha áreas distintas. Uma senhora achou que ‘Esta é uma das coisas mais penosas àcerca de Jersey City. Se alguém viesse de longe até aqui, não existiria nada em relação ao qual eu pudesse dizer: Oh! Tens de ver, é tão bonito!’”

Kevin Lynch. 1960. *A imagem da cidade*

O sítio onde se localiza este equipamento, servido pela Avenida Prof. Egas Moniz, junto à Escola Preparatória D. António da Costa, aproxima-se geograficamente do novo Fórum Romeu Correia e do futuro edifício dos Paços de Concelho, o que o radica numa estratégia mais geral de criação de uma zona central, em Almada, de algum modo densa e significativa.

O terreno disponibilizado, com cerca de 3 350 m² é rodeado por edifícios

quase só de habitação colectiva, pouco intencionais, resultantes da “explosão urbanística” um pouco casuística que, como uma maldição, atingiu muito depressa todas as cidades do país a partir do final dos anos 60 (e Almada em particular, depois da inauguração da Ponte sobre o Tejo).

Sítio anónimo, nem mais bonito nem mais feio que outras coisas que conhecemos, à espera de um qualquer acontecimento que, de algum modo,

pudesse articular sentidos, instituindo um ponto de partida para uma organização urbana mais desejável, apreensível e nomeável.

No sítio, apareceu-nos como atributo mais qualificado, uma fiada de árvores que bordeja o limite SW da Escola Preparatória, junto à Rua Eça de Queiroz (neste troço, apenas um caminho de peões, rampeado, seguindo o declive do terreno).

São árvores banais – pinheiros, choupos, um ou outro plátano muito jovem; mas apresentavam-se, no aleatório da sua disposição junto ao gradeamento também banal da Escola, como uma das poucas hipóteses de constituição de um lugar, construído que fosse o lado NE da rampa. As árvores e o seu perfume participando, a partir daí, num troço curioso e mais exigente, no meio do que era então um rarefeito baldio incompleto da cidade ainda nova.

A sala principal acompanha o declive natural do terreno com a inevitavelmente volumosa caixa de palco a elevar-se na sua parte mais baixa.

A entrada de público faz-se pela Rua Prof. Egas Moniz, onde se ergue a “cabeça” do edifício que, seguindo os alinhamentos da rua, fecha o topo NW do terreno com uma volumetria (pelo menos em abstracto), idêntica à das construções circundantes, numa atitude de recomendável aproximação urbana. Diferencia-se, no entanto, da domesticidade vizinha, através dos cortes e entalhes que a afectam, fazendo significar o recesso da entrada, a enorme “montra” da livraria ou a escada exterior de ligação ao restau-



rante/bar/café-concerto, no primeiro piso.

Três momentos diferentes – destinados a públicos diferentes ou ao mesmo público – que se relacionam interiormente, mas que “quiseram” vir fora marcar a recepção diversa que os seus temas propõem, inscrevendo-se na memória da animação de rua que o Teatro pretende inaugurar.

Entramos no edifício sob o confortável “peso” de um pórtico de matéria roubada, no extremo da composição, através de um baixo guarda-vento. Encontramo-nos, quase de imediato, num grande espaço de foyer / distribuição, quadrado (15 x 15 m), a partir do qual, com alguma informalidade e sentido lúdico, nos serão dadas várias opções: ou a sala principal, modulável (370 ou 442 lugares, nas versões, respectivamente, mínima e máxima), ou a sala experimental (lotação variável conforme a disposição utilizada), ou a livraria (com acesso principal pelo exterior) ou a sala dos mais pequenos (espécie de ATL, para deixar as crianças, espectáculos de fantoches, etc.), ou as escadas de ligação ao piso su-

perior onde se situam o restaurante/café concerto (que também conta com entrada própria e independente a partir do exterior) ou a galeria de exposições ou, ainda, o bar/cafetaria, o bengaleiro, as bilheteiras, um discreto encaminhamento para umas instalações sanitárias ao fundo e, finalmente, uma varanda, extensão do bar, correndo ao longo do arruamento público e das árvores da Escola: noites de verão mais amenas, paralelas a esse cheiro bravo morno.

É uma linha clara, esse passeio entalado entre o azul do Teatro que vem ao chão e os pinheiros e plátanos que o sombreiam.

No lado oposto, a pretexto do serviço a umas garagens vizinhas, introduzimos um conceito mais “negro”: um beco (o beco dos artistas) rodeia a composição, encaixado entre os caprichos dos logradouros e dos seus muros e os limites do Teatro, cuja geometria, rigorosamente justificada dentro, se aproxima desse cadastro, permitindo a complexidade de um “caminho de ronda”.

Finalmente, a SE, deixámos o edifício descer e instalar a sua grande caixa

de palco (30 metros de altura), jogando com um impasse já existente que, providencialmente, se alarga no extremo, o que possibilita e torna fácil cargas e descargas directas para o palco e para os depósitos em cave.

No 3º piso, funciona a zona administrativa do complexo, estabilizando a “frente” do edifício e partindo-se, depois, atrás, procurando o Tejo e o sol por entre as volumetrias do resto da composição.

Quisemos que toda a volumetria do Teatro “respirasse” coerência distributiva, para lá das “formas” mais ou menos plásticas e diferenciadas que o definem; à volta da necessariamente livre caixa do palco, por exemplo, articulam-se os camarins (em três pisos: palco, piso intermédio e piso da sala experimental) e o atelier de costura com a lavandaria e armazém guarda-roupa; por baixo da sala experimental (de geometria mais regular já que se lhe pede uma certa neutralidade espacial), situa-se a sala de ensaio, iluminada através de um pequeno pátio e em estreita articulação com a zona de camarins. Do lado oposto, situa-se a



carpintaria, entalada entre o passeio paralelo à Escola, que ajuda a definir, e a caixa de palco que depois serve, interiormente.

A sala de espectáculos principal tem uma configuração simétrica e regular (foi-nos pedida uma sala convencional, “à italiana”), conformada por uma série de “pernas” que criam uma segunda galeria em escada, mais sombreada e recolhida: acesso para o público ou para encenações menos ortodoxas; o ritmo de peças verticais (madeira avermelhada) repete-se no palco, com outra escala, permitindo a entrada de actores em qualquer das suas três faces.

Procurou-se uma “personalidade visual” para a sala e para o palco, de modo a garantir sempre uma presença afirmativa, uma “constância”, para o espaço arquitectónico onde virão a decorrer os sucessivamente diversos espectáculos.

A “cortina de corte”, encomendada a Pedro Calapez, estabelece, precisamente, um corte (cromático e gráfico) no andamento dessa sala, surpreen-

dendo, quando sobe e se esconde no alto, a procurada continuidade visual entre os dois espaços.

A caixa de palco é equipada com uma teia, em toda a sua extensão e é servida por quatro ordens de varadins periféricos; a zona de representação apresenta, numa área de dois terços, “quarteladas” de ligação ao sub-palco, sendo o restante terço preenchido com uma plataforma elevatória também articulável com esse espaço enterrado.

Um fosso de orquestra sob a parte final do anfiteatro, permite representações musicais de grande produção (ópera, bailado), apetrechando o Teatro Municipal de Almada para todo o tipo de espectáculos.

No sentido de vir a ser encontrada uma unidade, para os necessariamente diversos volumes que compõem o objecto (ao “variado” programa fizemos corresponder, redundantemente, vários e movimentados acidentes plásticos que constroem no conjunto uma volumetria desejável), escolhemos um revestimento em mosaico cerâmico vitrificado, azul claro (a cor mais barata

*** Teatro Municipal de Almada (1998/2005)**
Projecto: Manuel Graça Dias + Egas José Vieira, com Gonçalo Afonso Dias
Fotos: Fernando e Sérgio Guerra

Manuel Graça Dias (Lisboa, 1953), é arquitecto (ESBAL 1977). Vive e trabalha em Lisboa onde criou o atelier CONTEMPORÂNEA LDª com Egas José Vieira (1990). Professor convidado da FAUP e do DA/UAL, é autor de numerosos textos de crítica e divulgação de Arquitectura, tendo sido director do *JA (Jornal Arquitectos)*, órgão da Ordem dos Arquitectos (2000-2004).

Manuel Graça Dias recebeu, com Egas José Vieira, o Prémio AICA/Ministério da Cultura (Arquitectura), relativo a 1999, pelo conjunto da obra.

existente no mercado, destinada, de um modo geral, ao revestimento de piscinas), que, obsessivamente, “embrulha” todo o edifício, dos paramentos às coberturas visíveis, da espessura dos vãos aos pilares e às palas balançadas, de modo a “apertar” e “domar” através da cor, brilho e textura, todos os dispersos variados e diferentes momentos que um organismo com esta complexidade gera e apresenta; nasceu, assim, a designação Teatro Azul, que nos parece portadora do poder referido por Kevin Lynch:

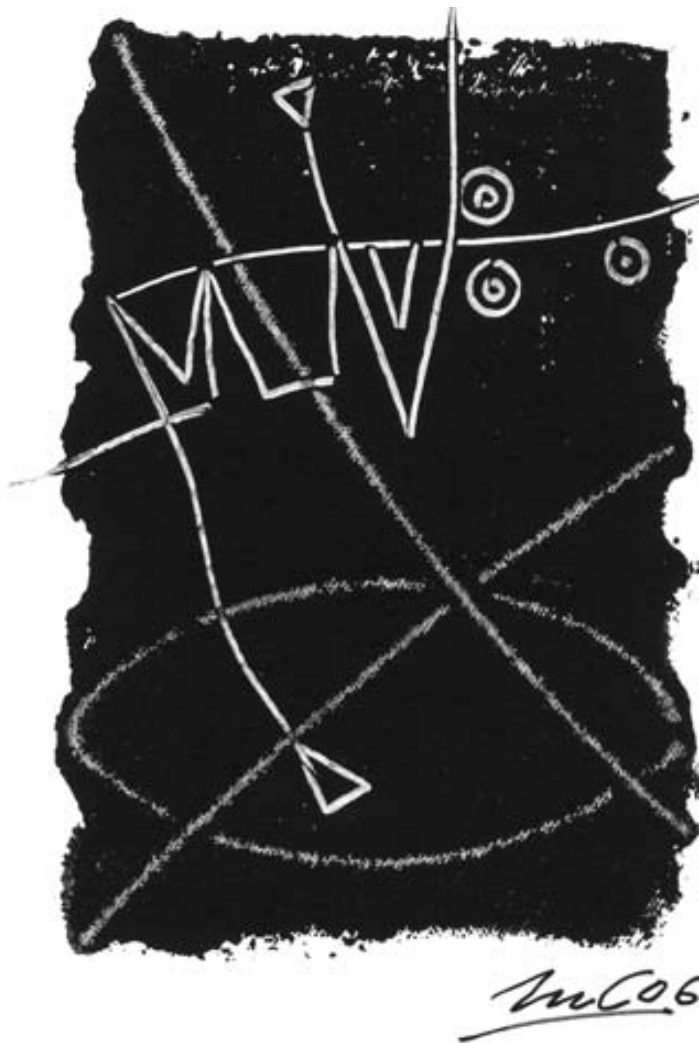
“Mesmo a doação de um nome tem um determinado poder, desde que seja um nome conhecido e aceite. De facto, se pretendermos tornar o nosso ambiente significativo, temos necessidade de uma tal coincidência de associação e de imaginabilidade.” (op. cit.)

Tratou-se, na verdade e sobretudo, de significar o existente.

Não com arrogantes ou retóricas praças (ali) deslocadas, mas com outros espaços públicos e urbanos igualmente respeitáveis e úteis.

O moroso projecto que no interior pretendeu, depois, clarificar os circuitos servidores e significar os espaços servidos, rebate-se para a cidade, imaginando organizá-la, ainda que na modéstia das necessidades detectadas.

O volume azul, então, recebendo a forma da cidade de onde vem e dando forma à cidade que vem.



NA PALMA DA MÃO

Minha mãe quando eu nasci tinha três desejos na palma da mão.

E desejou que eu fosse bela, amada e tivesse tudo quanto ansiasse. Mas depois pensou que quem tem tudo o que quer só lhe resta ser infeliz por nada ter a desejar. E que ser bela sem inteligência é uma dor de alma... e que ser amada e não amar é das maiores infelicidades que se pode ter, de modo que resolveu guardar os três desejos que tinha na palma da mão e esperar que eu crescesse.

No dia em que fiz dezoito anos, minha mãe colocou-me os três desejos na palma de minha mão e contou-me a

história toda. Ah... como eu fiquei zangada naquele momento! Pois se eu amava perdidamente quem não me amava, pois se por ele eu desejava ser bela, inteligente e amada, aí, como eu desejava ser amada... e quase, quase, que naquele momento usei os três desejos que estavam na palma de minha mão. Mas nesse instante, do outro lado do salão, o meu amado teve um gesto tão simples como corriqueiro e destruidor: meteu o dedo no nariz e a seguir saiu dançando, levando na mão a mão da sua amada e eu soube, sem que me restassem dúvidas, que não desejava mais que

ele me tocasse e guardei os três desejos que minha mãe tinha colocado na palma de minha mão numa caixinha de ébano.

Mesmo antes de minha filha nascer, eu já sabia que não ia estar com os desejos na palma da mão, que iria esperar para os colocar na palma da mão dela.

Mas minha filha disse que não, que não desejava nada a não ser ver o que a vida lhe reservava e agora aqui estou eu, velha de tantos anos, com três desejos na palma da mão e sem saber que serventia lhes dar... e será que têm data de caducidade?



A SACOLA DA AVÓ

Fosse Verão ou Inverno, a avó vestia sempre igual: blusa branca abotoada até cima, rematada por um camafeu, saia comprida e escura e saía sempre, mas sempre, de casa de chapéu, guarda-chuva e uma sacola de pano com pegas de tartaruga.

A avó tinha sempre o que precisávamos, e o que não precisávamos, dentro da sacola de pano verde. Se espirrávamos, surgia um lenço, se fazíamos os trabalhos de casa direitinhos, ela tirava um chocolate, se estávamos aborrecidos, aparecia logo um livro de histórias para nos ler. O frasco de óleo de fígado de bacalhau é que tenho a impressão que andava por lá mais como reprimenda do que como remédio, pois se ele saía da sacola o ano todo!

Eu gostava muito da avó e gostava muito de me sentar no colo dela e brincar com o camafeu: era tão lindo, tão perfeito...

Quando a avó morreu fiquei muito

espantada de ela me mandar entregar o camafeu, o guarda-chuva e a sacola. O guarda-chuva fica muito engraçado no bengaleiro da entrada, com o seu ar de outros tempos e o punho, que é uma cabeça de pato, bem à vista. O camafeu uso-o e deixo-o sempre em cima da cómoda, bem à vista. É como ter a avó a falar-me ao ouvido. A sacola não sabia o que fazer com ela e arrumei-a num canto qualquer e esqueci-a durante anos a fio.

Um dia lembrei-me das pegas de tartaruga e pensei que talvez fosse engraçado adaptá-las. Procurei-a até nos sítios mais disparatados e quando finalmente a encontrei fiquei espantada porque era bem menor do que o que eu guardava na memória.

E segurando-a veio-me uma saudade... Abri-a pensando nos dias com a avó, meti a mão e encontrei o frasquinho ainda cheio de óleo de fígado de bacalhau, com a colherzinha pendurada tilintando.

Ai, avó, que saudade!

Meti a mão e retirei o lenquinho com que a avó me assoava o nariz, limpava as lágrimas, secava o sangue dos arranhões... e dentro também estavam os chocolates, os livros de contos que ela nos lia para adormecermos...

Com os olhos marejados de lágrimas, o coração a estoirar de tanta saudade, abri mais uma vez a sacola, meti a mão e tirei a avó.

— Ai, filhinha, que desta vez demorou muito tempo, estava a ver que nunca mais saía daqui!

A avó ficou a viver connosco.

Da sacola tirou o quarto de dormir e pô-lo entre o meu e o das crianças. Agora a avó veste-se sempre com um saia e casaco tipo Chanel, mas continua a pôr um chapéu antes de sair de casa e nunca se esquece do guarda-chuva nem da sacola.

E sempre que eu peço, empresta-me o camafeu.



O TÚNEL

O asfalto alastrou pelo horizonte e afastou-nos da memória das paisagens. Hoje, rasgamos de lata e gaz venenoso a vastidão dos vales, com pressa de viver.

Não reparamos sequer nas histórias que os sítios têm para nos contar.

A velocidade do desejo arranca-nos do mundo.

Quantas coisas podem já ter acontecido em todos os lugares da terra?

Falo-vos do quilómetro três da estrada nacional que liga Santiago do Cacém a S.Domingos.

A estrada galga o cerro maior antes do mar, e escorre para o interior, através de um vale onde sucumbem majestosos e ancestrais sobreiros.

Pelo vale, um riacho arranca a terra das pedras e sulca um rasto de memórias, serpenteando desde o esgoto das termas de Miróbriga até ao Sado.

Os dejectos do império infectaram de tempo o vale encantado.

O vale abre-se numa várzea crescendo para o horizonte.

A estrada nada nos diz daquele sítio senão silêncios e pressas.

Pressas de tornar possível um futuro, mendigando o dia a dia a troco do depois.

O lado de lá impõe-se e gastamos os nossos dias à procura do que não está ali.

Isto tudo a propósito do quilómetro três da estrada entre Santiago e S.Domingos. Ao quilómetro três existe uma curva abrupta, de quase noventa graus. É onde o montado se abre e a várzea começa.

Duas ribeiras se cruzam e dois tempos entram em colisão. Onde o riacho se transforma em ribeira e a vontade das águas vence as barreiras da pedra.

Quase todos os anos morre alguém naquela curva.

Está ali como um alerta. Não vale a pena tentar chegar depressa ao lado de lá, pode ser fatal...

O caudal da ribeira traz consigo uma enchurrada de dejectos e lembranças de outros tempos, tornando fértil a várzea para a sementeira.

Em S.Domingos, a três quilómetros do quilómetro três, no ano de 1973, saímos à rua e as velhas andavam agitadas pela aldeia. Aos cantos, cochichavam pelas esquinas, com os rostos crispados como se o mundo fosse acabar.

Um camião cheio de ferros e uma carrinha cheia de homens que vinham de fora, atravessam a aldeia e dirigem-se ao quilómetro três, onde os serros se acabam e a várzea se abre de vez.

Paráram no largo da aldeia e desceram para beber água.

Um deles era preto.

Galgámos as ecruzilhadas para vermos um africano de verdade.

Do outro lado do mar só conhecíamos os estilhaços da dor e da guerra. Onde, de natal em natal, os olhos lacrimejantes dos nossos primos e irmãos, derramavam lágrimas de África sobre os vidros da televisão. E de repente eramos Tarzans uivando nas lianas, balançando pendurados em cordas num sobreiro, sonhando com o outro lado do mar...

Eram operários que vinham montar uma rede eléctrica de alta tensão.

Iam rasgar um túnel fantástico de catorze quilómetros debaixo dos serros, até ao mar...

Quando fôssemos grandes, poderíamos ir de canoa à praia de São Torpes, atravessando o ventre de xisto dos serros antes do mar.

O Futuro ia ser fantástico.

Quilómetro 3 1975

De repente, mataram um touro no largo da igreja e fizeram uma revolução.

Festejava-se ódio e liberdade nas ruas.

As gentes alastravam pelos campos e limpavam o mato, semeavam as terras, assaltavam os palácios fechados e bafientos. Todos! As velhas, os velhos! Nós, putos, de cravos atravessados nos lábios, cantando a gaiivota...

E voava um bando de gente e de sonhos pela várzea.

Em redor duma ferida que uma máquina abria no xisto, um mundo novo crepitava.

Ocuparam-se as terras, fizeram-se festas e bebeu-se o vinho da utopia.



Eramos dez na escola e de repente ficámos trinta! E não eram dali. Vinham de longe, do outro lado do mar, para abrir um caminho secreto para o lado de lá.

Falavam de frutos estranhos que nunca tínhamos comido. Mangas, papaias... Como será o sabor daquela África que lhes brilha nos olhos?

Tinham outra energia. Vestiam e falavam de outra maneira. Olhavam-nos com uns olhos profundos, de frente.

Tinham brinquedos que nunca tínhamos visto e de repente trouxeram a cidade para o montado.

Durante dez anos, uma terra de ninguém cresceu naquela várzea. Havia um bar, fazia-se desporto, teatro... As gentes vinham de outras aldeias e de outras terras ocupadas festejar a vitória do povo sobre o mundo. Todos... Operários, engenheiros, vândios e prostitutas, políticos e fanfarrões, intelectuais e artistas, todos se cruzavam na várzea acabada de engravidar.

As mulheres de fora usavam mini-saia e mascavam pastilha elástica, pintavam-se e escondiam-se por trás de enormes óculos escuros. Fumavam e bebiam café nas tabernas. As gaiatas da aldeia imitavam-nas.

Tudo mudou.

As velhas arfavam nas esquinas, incrédulas. De cima dos fardos de palha, gritavam-se poemas pelo montado. Amava-se. A festa vermelha alastrava pela terra esquecida. O leite jorrava das cabras e alimentava as crianças de África. A semente deixada na várzea dáva alimento a um tempo novo.

Os que vinham de fora olhavam-nos como se fôssemos feras enfurecidas de sonhos e de raiva. Ali não havia outros, eramos todos juntos, num arrepio só. As águas que escorriam das ruínas do império pelo vale, são agora, pela vontade e engenho dos homens, reencaminhadas para o mar, numa corrente contrária à natural da ribeira.

Vão alimentar de água doce, imponentes máquinas fumegando veneno e sonhos de plástico sobre o montado.

E o vale seca e as árvores tombam sobre o seu próprio peso, como cadáveres no xisto.

Xisto ferido de água estagnada que não avança. No ar paira uma atmosfera de zinco. Pesada...

Foram-se todos embora.

Agora, deslizam velozes pela curva íngreme, distraídos nos seus carros de luxo. Ao pôr-do-sol, as silhuetas de touros enraivecidos já não cantam canções de sonhar.

Desfilam títeres numa feira de mentiras sobre a paisagem.

Riscos metálicos da vitória sobre o mundo, a crédito!.

Tudo se gastou a troco de um sonho, de uma miragem.

Carros desfilam no asfalto, atravessam o coração da terra, sem deixar rastos.

Têm que abrandar a velocidade. Uma curva apertada. Dois pinheiros mansos na berma.

Pára!

E a paisagem continua lá, como se nada tivesse acontecido.

Mas as memórias, essas, estão ali, guardadas dentro do túnel. À espera de despertar.

METADE DO PIRINEO EM DUAS DÚZIAS DE DIAS OU A MINHA VIAGEM DOS 50

Quando nos princípios do Inverno de 2004, festejei os meus 50 anos no Jardim Zoológico, decidi que iria fazer uma grande viagem com a minha bicicleta. E os Pirinéus seriam o meu destino. A ideia já vinha tomando forma nos meus pensamentos de fim de dia, frente ao computador viajante da rede global. Tinha encomendado dois livros – que, por complicações de encomenda, se transformaram em quatro – os quais relatavam a travessia dos Pirinéus pelo lado espanhol e pelo lado francês. Como o primeiro era o da travessia pelo lado espanhol (apesar do autor ser francês) foi esse percurso que optei fazer. Mas tendo em conta os meus limites físicos, resolvi fazer só metade do indicado no livro. Iniciaria em Hendaye e terminaria em Benasques, com cerca de 450 km a separá-las. Mas as voltas e voltinhas que se dão fora do planeado transformaram essa viagem em perto de 700 km percorridos.

A realização de uma grande viagem implica um razoável nível de planeamento: que alforges comprar, que roupa levar, que caminhos percorrer, que preparação física fazer? Mas a preparação de viagens sempre me deu um gozo especial, pois permite-me viajar imaginariamente antes de o fazer na realidade. Posso ter sempre, assim, três tipos de prazer: o imaginado, o realizado e o recordado.

Quando entrei no Sud-Express, com a minha bicicleta dentro de uma caixa de cartão, que deixei no dia seguinte na estação de Hendaye, sentia um pouco do que Hércules deve ter sentido quando partiu para a sua dúzia de trabalhos encomendados. Mas, mais estranha foi a sensação que tive ao aproximar-me do sinal que indicava a chegada a Benasques. Atingir o fim

de algo com que se sonhou durante tanto tempo deixa-nos um pouco o vazio do concluído, embora também a plenitude de se ter atingido o objectivo a si proposto.

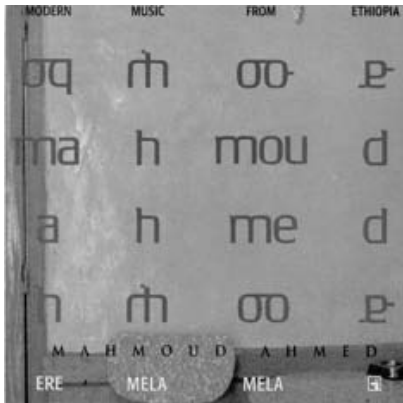
Mas o que ficou do tempo que se desenrolou entre esses dois precisos instantes?

Procurando nos meus arquivos de memória visual, rapidamente começam a formar-se imagens de cavalos com badalos, como as nossas vacas, nos prados do país Basco; a Selva de Irati em Navarra, onde andei continuamente, por mais de dois dias, na segunda maior mancha florestal de faias da Europa; o voo circular e calmo dos abutres nas altas montanhas de Aragão; a brancura do glaciário do Aneto, a montanha mais alta do Pirineo, próximo de Benasque, na fronteira com a Catalunha; o soar wagneriano de trovões no Vale de Ordesa, enquanto procurava a Edelweiss, flor que só existe ali e nos Alpes; a fúria ruidosa do correr alucinado dum rio próximo da nascente, após horas de chuva contínua.

Mas, aparecem, também, imagens de alguns caminheiros com quem me cruzei ao longo do caminho. Certa vez, como este era estreito e de precipício, tive de tirar os alforges, passar primeiro a bicicleta e depois voltar a buscá-los. Já vinha no trilho de volta, quando vejo um casal de caminheiros e os meus alforges – que pesavam cerca de 17 kg – nos braços do homem. Este disse, ao entregar-mos, que os vira na berma e, como me tinha avistado anteriormente, pensou levá-los e poupar-me esforço. Noutra vez, empurrava eu a bicicleta num vale a 1600m altitude, ao lado de um rio que serpenteava nos seus meandros – daí o nome do local ser Aguas Tuer-tas (tortas) – quando encontrei um

jovem caminheiro que me perguntou onde estávamos, o que me fez tirar o meu mapa e, em conjunto, descobrimos a resposta. Depois, ele, ao ver que se tinha enganado, resolveu voltar atrás e procurar o caminho certo para o seu objectivo, e eu continuei o meu caminho. Horas depois, tinha descido loucamente uma estrada de terra no meio de mais uma floresta de abetos e faias, quando verifiquei que tinha deixado cair o meu mapa algures na descida. Estacionei a bicicleta à beira do caminho e resolvi subir a estrada à procura do mapa perdido. Estava na minha terceira curva, quando observei uma pessoa a descer, que reconheci mas não me recordando de onde. Quando estava já bastante próximo, vejo-o meter a mão num bolso, tirar o meu mapa e depois dizer “ Vinha a atravessar a estrada e ao ver o mapa pensei: Olha o mapa do português de hoje de manhã! E como te tinha visto ao longe, resolvi vir ao teu encontro. Caso não te encontrasse, ficava com ele como recordação”. Entregou-mo, despedimo-nos e lá voltou ele a subir para continuar o caminho interrompido por um mapa conhecido.

Esta viagem, de longa distância percorrida a uma velocidade lenta, permitiu a observação de muitas mais coisas e em muito maior pormenor do que a que estava habituado utilizando o carro. Para além do confronto comigo mesmo nos imensos quilómetros em cima ou ao lado da bicicleta, enchi os caixotes da memória com montes de recordações que tiveram valor no momento da sua vivência e que agora se enchem do pó trazido pelo esquecimento. Mas valeu a pena e já penso na minha próxima viagem, que será aos Alpes, ao seu Monte Branco. E novamente a Edelweiss.



Mahmoud Ahmed
“Ere Mela Mela”

Mahmoud Ahmed
http://www.afropop.org/explore/artist_info/ID/195/Mahmoud%20Ahmed/

Broken Flowers - Flores Partidas
<http://www.brokenflowersmovie.com/home.html>

Jim Jarmusch
<http://us.imdb.com/name/nm0000464/>

FLORES DE ADIS-ABEBA

Anda por aí há alguns anos um CD chamado “Desert Blues – Ambiances do Sahara” da World Network. Os dois CD’s desta colectânea percorrem uma vasta distância em terras africanas: cerca de duas horas e meia de música, vinte faixas, vinte compositores e intérpretes extraordinários.

Nunca o comprei. Porque depois de o ouvir optei por comprar todos os álbuns dos quais eram extraídas as faixas que compõem a colectânea. Confesso que ainda não os tenho todos, mas já não faltam muitos...

E se é difícil destacar algum em particular, deixem-me falar-vos um pouco de “Ere Mela Mela” do etíope Mahmoud Ahmed.

Não foram precisos mais de 30 segundos da faixa que dá nome ao disco para de repente me sentir atirado para dentro de um policial negro. A loira enigmática entra-nos pela porta do escritório mal o disco começa a tocar e já vemos por detrás dos seus óculos escuros uma história inebriante de amor e mistério.

Há cidades inteiras atravessadas de carro, provavelmente debaixo de uma chuva miudinha, sempre de noite. Há clubes ilegais onde o ar rarefeito mal deixa adivinhar as figuras ondulantes da secção de metais da orquestra que toca no fundo da sala. Há um calor tórrido, uma humidade que nos cobre o corpo e se entranha por todos os poros da pele.

“Realizar um filme”, penso eu. “Realizar um policial onde caiba este disco!”.

E pronto... mais uma entrada para a lista de dois milhões de ideias que estão para realizar depois da reforma.

Eventualmente esta história teria ficado esquecida não fora a recente estreia do filme “Broken Flowers – Flores Partidas” de Jim Jarmusch. É de noite e vou a conduzir o carro a caminho do cinema com duas amigas. Falamos do recente concerto que Mahmoud Ahmed deu em Aveiro e ao qual uma delas assistiu. Vem-me à memória a ideia do policial.

Alguns minutos depois do início do filme começam as cotoveladas entre nós os três, quando Bill Murray, no papel de Don Johnston - o personagem principal, recebe das mãos de um amigo etíope um disco que o acompanhará numa longa viagem de automóvel.

E quando Bill Murray coloca o CD no leitor do automóvel, começam a ouvir-se as estranhas escalas das melodias etíopes. Não, não é o Mahmoud Ahmed, embora tenha parecido por momentos, mas um outro etíope cujo nome vale a pena anotar: Mulatu Astatqe. Mas também não estamos propriamente perante um policial negro, embora Don Johnston seja forçado a tornar-se detective privado, na tentativa de compreender o seu próprio passado.

Ao chegar a casa, risco o filme policial da minha lista de coisas a fazer depois da reforma e olho com ansiedade, talvez até com uma certa apreensão, as outras 1.999.999 que ainda ficam por fazer.



Middlesex

Middlesex é o segundo romance de Jeffrey Eugenides, autor de *As virgens suicidas*, adaptado ao cinema por Sofia Coppola. E é, como este, uma narrativa resultante da necessidade sentida por um adulto de revisitar o tempo turvo e confuso da adolescência, de reinterpretar as experiências que marcaram o seu processo de auto-consciência. Na personagem de um hermafrodita, J. Eugenides explora literariamente uma história comum – a errância do ego adolescente, ainda instável e virtual, no momento em que forças biológicas e sociais parecem pressioná-lo a definir-se.

Calliope Stephanides tem 14 anos, quando, como se a sua vida seguisse a estrutura de uma tragédia clássica, se reconhece, por meio de sucessivas peripécias, como Cal Stephanides.

A intuição de uma certa estranheza crescendo dentro de si, de um acontecimento em potência aguardando o momento oportuno para se manifestar, há muito que a acompanhava. Intensificara-se à medida que o seu rosto abençoado se tornava anguloso e ambíguo e as expectativas relativamente à determinação do seu corpo iam sendo contrariadas. Mas, nem mesmo quando o seu desejo toma um rumo indevido e se apaixona por uma colega de escola, Calliope põe em causa a sua natureza de rapariga – isso também acontecia às raparigas. Ninguém questionara nunca a sua natureza de rapariga, apesar das modificações algo bruscas da sua fisionomia.

Na infância, esse excesso do seu corpo era ainda demasiado interior para que pudesse ser detectado. O crescimento também não o denunciou. Há um pudor cultural que envolve o sexo das raparigas e lhe confere um grau de intimidade e de subtileza que raramente é concedido aos rapazes. As casas de banho das raparigas, onde Calliope se sentia à vontade, preservam o enigma do corpo e podem ser um espaço de recolhimento; as dos rapazes não. O corpo de Calliope transita assim pelos acontecimentos dos seus 14 anos – as idas ao médico, o convívio no ginásio da escola, os jogos eróticos com a sua colega de escola e mesmo uma experiência sexual indesejada

com o irmão desta – sem que nunca tenha sido totalmente exposto.

Aos 14 anos, tem o aspecto daquelas raparigas a quem o crescimento deu uma configuração estranha. É tratada como uma rapariga, comporta-se como uma rapariga, e tem o entusiasmo das raparigas pelos adereços femininos que as fazem parecer mulheres.

«Eu tinha nascido sobre o signo de Apolo, uma menina beijada pelo sol com uma cara envolvida em caracóis. Mas, à medida que me aproximava dos 13, o elemento dionisiaco apoderou-se das minhas feições. O meu nariz, primeiro delicadamente, depois não tão delicadamente assim, começou a recurvar-se. As minhas sobrancelhas, cada vez mais birsutas, também arquearam. Algo de sinistro, manhoso, e literalmente satírico entrou na minha expressão.»

O elemento satírico atravessa-lhe a pele, contamina-lhe a aparência, torna-se visível sem ser reconhecido. A duplicidade dos seus órgãos genitais permanece um segredo até para ela. As pessoas habitua-se às suas estranhezas. A intuição de si como outra coisa perturba-a, mas Calliope familiarizou – se com ela. Quando a questão surge, como um borrão na consciência, inventa razões que a reconduzem aos padrões de normalidade. Os padrões de normalidade são tranquilizadores. Aprofundar essa inquietação seria, aliás, desorganizar todo o seu ser. Por isso, intuitivamente, defende-se da ruína da sua identidade. Mas, tal como nas tragédias, o momento do reconhecimento pode ser adiado sem que, contudo, possa ser evitado. E esse momento surge. Ali, numa sala de urgências, após um acidente, finalmente o seu corpo exposto. Ali, na expressão do médico e da enfermeira que a atendem, a confirmação da sua anatomia invulgar. O diagnóstico não é rapariga, mas anomalia.

Calliope não sabe o que sobrou de si. Um gene recessivo que empreendera com os seus avós, desde uma pequena comunidade grega da Ásia Menor até Detroit, um trajecto clandestino vencera o jogo das possibilidades e desagre-

gava, agora, a consciência que tinha de si. É uma velha máxima essa que diz que o que tememos que venha a acontecer no futuro, de certo modo, já aconteceu.

Toda a história tem um antes. Ali, naquela sala de urgências, o seu corpo expunha também o segredo que levava o seu avô, primeiro, a perder a fala e, depois, protegido pela doença, a esvaziar gradualmente a consciência de memórias, até se apagar por completo, como se fosse possível refazer todo o trajecto. O mesmo segredo que consumia a existência patética da avó, que, temendo o que tinha de acontecer, há anos desistira de viver mas não conseguia morrer. O que tinha de acontecer já acontecera. Por isso, quando Cal tem de contar a sua história, sabe que ela não começa consigo.

Middlesex é ainda uma epopeia familiar, a história de três gerações de gregos que se reinventam na América das oportunidades, cruzando as genealogias homéricas com as novas mitologias do consumo.

A tarefa de Calliope não é fácil. Qual herói mitológico terá de encontrar o fio de Ariadne e seguir pelo labirinto da sua consciência. Ela que se parece mais com o Minotauro, esse ser anfíbio e indefinido, do que com Teseu. A lógica binária da distinção entre os dois sexos não parece conseguir recombinar os seus fragmentos: cariótipo XY; síndrome de deficiência 5- α -reductase; educação de menina; padrões de normalidade inscritos nas teorias científicas; desejo sexual orientado para o género feminino. São os seres mitológicos equívocos que servem de modelo ao seu projecto de identidade e não os conceitos científicos, cuja definição é demasiado unívoca. Aos 41 anos, Cal parece um homem, comporta-se como um homem, mas é também uma rapariga.

«Mas as coisas não são assim tão simples. (...) Ao contrário de outros denominados pseudo-hermafroditas masculinos sobre os quais tanto se tem escrito nos jornais, nunca me senti deslocada enquanto rapariga. Ainda hoje me não sinto inteiramente à vontade entre os homens. O desejo levou-me a empreender a travessia para o outro lado, o desejo e o carácter factício do meu corpo.»

aquihá gato

Teatroteca GATO SA

Boletim informativo Nº13

Maio 2006



Este encarte destina-se a divulgar algumas iniciativas específicas do GATO SA, da Teatroteca e da AJAGATO de cuja dinâmica integrada a revista cena's é um dos reflexos mais visíveis. Estas páginas pretendem também constituir um reforço dos laços que ligam os associados e todos os amigos do GATO. Uma forma de contacto diferido, também possível através do novo site www.gatosa.com

7 **MTSA**
Mostra de Teatro
d. Santo André

12-20. Maio

espectáculos Auditório ESPAM

Sexta / **12** / 22.00h



SENSURROUND

“Enquanto a minha vida morria ausentei-me em parte incerta quando me lembrei de mim já não estava lá”

Concepção de Lúcia Sigalho

Uma coisa que nos acontece a todos muito: esquecermo-nos de nós sem dar por nada. Durante muito tempo... Este é um processo em acumulação, progressivo... Um caminho sem regresso por onde esbracejamos alegremente. Sem sequer nunca pensar que podemos muito bem e a qualquer momento, voltar atrás e procurar melhor. Esta peça ia ser mais uma dessas e era preciso dar-lhe um título. Essa ideia de que todas as peças têm de ter um título e uma sinopse e uma ficha técnica sempre muito me intrigou, irritou e exasperou. Como nomear o que ainda não existe? Nunca achei foi que tivesse o direito a questionar estes princípios básicos de organização teatral mínima...

E enquanto eu me esforçava imenso por me portar bem, continuava a espinotear e enquanto me matava a trabalhar ia-me exilando de mim. Lá ao longe, longe, longe de mim, a minha vida morria. Sozinha. Sem ninguém. Sem mim mesma. Eu só assistia, olhava, olhava. Nunca disse nada, nunca abri.

Espectáculo construído com: Acácio de Almeida, Adelaide João, João Lucas, Lúcia Sigalho, Marta Furtado, Paulo Cunha e Silva, Vasco Pimentel e Vera Paz; Produção: Sensurround – Companhia de Teatro; Produção executiva: Alejandra Alem

Sábado / **13** / 22.00h



TEATRO PRAGA

“Private Lives”

a partir de Noël Coward

A distribuição dos 4 papéis pelos 6 actores é uma Roleta-Russa oferecida, de bandeja, ao público. Serão a Serendipidade, o Book-Crossing, o Random Order, O Nietzsche (!) e o Amor (!!) farinha do mesmo saco?

Um saco com uma bola branca e outra preta chamado acaso. Cabe a este decidir, a hipótese certa das 72 combinações possíveis que sabemos que existem neste espectáculo. Mas avisamos desde já que o exponencial é infinito, e que a mão que embala o copo de dados é a mão que vai determinar o desenrolar dos acontecimentos.

De Noël Coward ainda não sabemos se gostamos. Nunca percebemos em que parte da zona cinzenta e infinita que vai do dandy intelectual ao queer fútil é que ele se situa. É neste território movediço, neste pântano, que se vai operar a construção da peça e do espectáculo. E é aqui que o universo cool e eficaz de Noël Coward sofre um duro golpe do destino: a encenação (público e actores) deste espectáculo nunca será mais do que um produto da casuística e da assunção dos resultados. E que ninguém se desobrigue das consequências.

Projecto Vencedor do Prémio “Teatro na Década 2003” Do Clube Português de Artes e Ideias

Co-criação e interpretação: André E. Teodósio, Carlos Alves, Paula Diogo, Patrícia da Silva, Pedro Penim e Sofia Ferrão; Tradução: Carlos Falcão; Produção Executiva: Pedro Pires; Design Gráfico: Paulo Veiga.

Domingo / **14** / 22.00h



MUNDO PERFEITO

“Azul a Cores”

de Filipe Homem Fonseca

AZUL A CORES é um ensaio sobre o fim do amor. Uma mulher contrata um homem para a acompanhar até um quarto de hotel e ouvir todos os insultos e desabaços que não pôde dizer ao marido que a abandonou. No entanto, a situação evolui de forma circular e explorando os limites do espaço e do tempo, até ao ponto em que não sabemos quem é o homem e quem é a mulher que observamos. Sabemos apenas que o amor acabou e assistimos ao que resta. Texto de Filipe Homem Fonseca; Concepção cénica e interpretação: Margarida Cardeal e Tiago Rodrigues; Cenografia: Patrícia Portela; Desenho de luzes: João d'Almeida; Grafismo Digiscript, direcção de produção e fotografia: Magda Bizarro; Produção: Mundo Perfeito; Spot tv: Bruno Canas.

Segunda / **15** / 22.00h



TEATRO DA GARAGEM

“Adélia Z”

de Carlos Pessoa

Adélia Z é um espectáculo dividido em duas partes distintas:

- Apresentação de Adélia Z, e O Mistério da Esquina. Na primeira parte, são contadas as aventuras e desventuras de Adélia Z., nomeadamente o seu percurso de vida, marcado pelos estigmas de uma marginalização social. Esta marginalização resulta não apenas de circunstâncias materiais mas também de uma sensibilidade peculiar que dá à personagem uma espécie de inocência clownesca. Na segunda parte do espectáculo, O Mistério da Esquina, damos um salto no tempo. É então que ela descobre um livro que irá mudar o curso da sua vida, uma biografia com estampas coloridas, da vida de Michelangelo Buonarroti, o artista italiano do Renascimento. Adélia Z. apropria-se das imagens e das palavras contidas no livro para fazer uma reavistação de si própria, num jogo teatral que é sobretudo a procura de um novo rumo para a sua vida. O teatro torna-se a chave para o segundo fôlego na vida da Adélia Z. a tal ponto que as personagens que sonha e representa, ganham voz própria, trazendo-lhe de novo o mar de volta, o mar de que tanto gosta, o mar que quase tinha esquecido. cf3 Neste espectáculo o Monólogo é a forma teatral dominante. Entende-se

Terça / **16** / 22.00h



TEATRO DO MAR

“Mestre Gepeto”

de António Torrado

A mais perfeita criação de Gepeto, Pinóquio, encontra na barriga da baleia, o pai desaparecido. No interior deste útero, espaço de gestação/criação, o Homem/Marioneta questiona a razão da existência humana e o seu lugar no mundo. 'd2Mestre Gepeto' reflecte sobre várias questões: o conflito geracional, a procura da individualidade e da afirmação pessoal, a busca do afecto e a projecção do amor, as questões da vida e da morte, a ousadia da criatura que se pretende Criador... O espaço cénico coloca-nos num universo uterino, escuro, frágil, aquático, suspenso no tempo. Mistura de despojos e de laboratório científico, aos olhos de Pinóquio, Gepeto surge como um pai, um criador, um deus...

Pinóquio, já um jovem adulto, cansado de andar perdido pelo mundo, procura um regresso às raízes e o seu pai desaparecido. ncontra Gepeto na barriga de uma baleia, mas, para sua admiração, o pai é apenas uma sombra do que foi. Revela-se um Gepeto conformado, afastado do mundo, desistente, um homem que já nem parece reconhecer o seu próprio filho e que afirma ter encontrado o seu lugar na solidão daquele ventre húmido e escuro.

Quarta / **17** / 22.00h



ESTE, ESTAÇÃO TEATRAL DA BEIRA INTERIOR

“Pax Romana”

de Nuno Pinto Custódio

Criação assente em princípios básicos da Commedia dell'Arte, onde gesto, movimento, pantomima, são veículos principais de comunicação. Espectáculo sem palavras, onde tudo se apreende a partir das acções e do discurso não-verbal dos gestos e das emoções.

Em plena Pax Romana, uma patrulha de três legionários em debandada reúne-se na clareira de uma floresta, esperando que o tempo passe, pois na via de acesso ao acampamento um bárbaro esfrangalha todo o regimento.

Um divertimento que busca o Teatro como forma pura de encontro entre quem faz e quem assiste, com fortes inspirações nas famosas personagens da BD (os romanos de Astérix) e com o recurso à tipificação das personagens, num universo clownesco que atinge contornos próximos da temática do tempo e da irrisão patente em Beckett (À espera de Godot/Pelo prazer de proporcionar prazer.

espectáculos Auditório ESPAM

Quinta / **18** / 22.00h



FC PRODUÇÕES TEATRAIS

"Aventuras de João Padão" de Dario Fo

João Padão é um tipo engraçado, bom contador de histórias, um pouco ingénuo e rústico. Depois de ser vendido a uma tribo de canibais, torna-se num homem santo em quem os índios confiam. Arrasta consigo milhares de índios, a quem ensina a lidar com os cavalos, e atravessa o continente americano sempre na esperança de encontrar os cristãos espanhóis e voltar à sua terra. Num esforço civilizador tenta catequizar estes índios e ensinar-lhes a lidar com os cristãos, mas os seus esforços revelam-se inúteis perante a barbaridade dos invasores espanhóis. O nosso herói toma então o partido dos índios e ajuda-os a expulsar os espanhóis, ficando a viver o resto dos seus dias com os índios que o adoptaram. Tradução de Margarida Neves, adaptação e encenação de Filipe Crawford, assistência de encenação de Nuno Pino Custódio, figurinos de São Ferreira, máscara de Nuno Pino Custódio, selecção musical de Carlos Oliveira, desenho da luz de Filipe Crawford, operação de luz e som de Nuno Gomes, interpretação de Filipe Crawford, produção de FC Produções Teatrais.

Sexta / **19** / 22.00h



TEATRO EFÉMERO

"A Cosmética do Inimigo" de Amélie Nothomb

Os nervos de Jérôme Angust já estavam em franja quando a hospedeira anunciou que, devido a problemas técnicos no avião, o voo iria sofrer um atraso por tempo indeterminado. Foi na sala de espera do aeroporto que tudo começou. Sabia que ia ser ele. A vítima perfeita. O culpado previamente escolhido. Bastou-lhe falar com ele. E esperar que a armadilha se fechasse. O cenário estava montado -Isabelle - a sombra de Isabelle dominava o espaço. O duelo, o confronto entre Jérôme Angust e Textor Texel adivinhava-se... mortífero. Foi na sala de espera de um aeroporto que tudo acabou. Seja como for, o acaso é coisa que não existe.

Texto: Amélie Nothomb; Encenação: Rui Sérgio; Dramaturgia: Jorge Fraga e Carlos Fragateiro; Espaço cénico/iluminação: Vítor Correia; Multimédia: Ivo Prata; Sonoplastia: Adriano Silva; Figurino: Elsa Marques; Costureira: Augusta Belinho; Interpretação: Carlos Fragateiro, Jorge Fraga, Sofia Santos e Ivo Prata; Produção e direcção de cena: Eduarda de Almeida; Assistente de produção: Ivo Prata; Secretaria/bilheteira: Pedro Ferreira; Design gráfico: Pedro Ferreira; Montagem de Efémoro - CTA. Maiores de 12 anos.

Sábado / **20** / 22.00h



TEATRO AO LARGO

"A Viúva Astuta" de Goldoni

Uma viúva rica e jovem, descobre que desperta o interesse de quatro aristocratas endinheirados - um inglês, um espanhol, um francês e um italiano, todos empenhados em desposá-la. À medida que fazem os seus avanços, num clima de ciúme e rivalizando uns com pretendentes para conseguirem os seus objectivos. Inevitavelmente ele torna a situação ainda mais complicada e ridícula. A viúva, Rosaura, revela finalmente a falsidade das intenções de três dos cavalheiros, ficando assim livre para desposar o devoto e ultra os outros pela atenção da viúva, ela usa todo o tipo de artimanhas e fingimentos para descobrir qual deles será melhor para ela.

No centro desta intriga está o desgraçado criado - Arlequino, que foi contratado por três dos ciumento italiano Conde de Bosco Nero. Como comenta num "à parte" a sua criada, Marionette, "Apesar da sua astúcia, a sua patroa, acabou por casar com o pior do lote!".

Duração Aproximada: 75m; Encenação e Música Original: Steve Johnston; Elenco: Steve Johnston, Lélia Guerreiro, Rui Penas, Marina Simões, Paulo Oliveira.

espectáculos para infância e juventude Auditório CAPAG

Terça / **16** / 11.00h e 15.00h



TRUTA

"O Diário do Sr. Lepidóptero" (espectáculo para o público pré escolar)

Recentemente foi descoberto o espólio do Sr. Lepidóptero. Antigo criador de bichos-da-seda em caixas de sapatos, o Senhor Lepidóptero percorreu o mundo em busca de uma borboleta que lhe devorou os livros de infância, não havendo registo de alguma vez a ter encontrado. A partir das suas anotações e da sua colecção particular de objectos recolhidos nas suas viagens, vamos visitar lugares remotos.

Quarta / **17** / 11.00h e 15.00h

Quinta / **18** / 11.00h e 15.00h



GRUPO DE TEATRO DA SOCIEDADE HARMONIA

"O gato e a gaivota" (espectáculo para o público do 1º ciclo) a partir de Luís Sepúlveda

Trata-se de uma encenação a partir do romance de Luís Sepúlveda, HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR, em que um "gang" de gatos, vê-se, inesperadamente, obrigado a educar uma gaivotinha bebé, acabando por aprender a ser pais de verdade...

Este é o ponto de partida para, de uma forma divertida, e no universo do imaginário, despertar as crianças para os seus direitos, para a noção (possível) da existência da Convenção dos Direitos da Criança e para valores como a inter-ajuda, a solidariedade, o espírito de partilha, a não discriminação...

Interpretação: Telma Raposo, João de Matos, Sara Rosa, Cláudia Gabriel, Nuno de Matos, Mariana Gabriel; Direcção de Actores: Ana Zorrinho e Hélder Chainho; Encenação: Ana Zorrinho; Luz: Sofia Trinchante; Produção Musical: Pedro Ramos e Fernando Malão; Apoio técnico: Vítor Nunes; Caracterização: Cristina Paula; Desenho de cartaz: Adelino Lourenço.

Sexta / **19** / 11.00h e 15.00h



GATO SA

"Playground" (espectáculo para o 2º e 3º ciclos) de Javier Tomeo

Uma montagem de textos do livro "Histórias Mínimas" de Javier Tomeo, articulados num trabalho de natureza experimental. O resultado é um espectáculo que se pode integrar no universo do teatro do absurdo.

O encenador optou por recorrer a materiais cénicos e a peças de guarda-roupa preparados anteriormente para outros espectáculos, reutilizando-os agora num contexto novo e assumindo esta precariedade de recursos como um estímulo à criação.

actividades complementares

Sexta / **12** / 18.00h
CAPAG

ANIMAÇÃO DURANTE O DIA

Inauguração da Exposição sobre "ALDA GUERREIRO E O ENSINO POPULARA NO LITORAL ALENTEJANO"
Animação Musical com Hugo Lopes

Sexta / **12** / 21.30h
átrio Espam

SESSÃO DE ABERTURA

Lançamento da Cena's 6

Sábado / **13** / 10.00h - 17.30h
CAPAG

1º WORKSHOP

"Workshop de Danças Tradicionais"
Formador: Alexandre Matias

É um dos grandes dinamizadores de bailes e jam sessions de danças tradicionais europeias por Lisboa, sobretudo no Teatro Ibérico onde também realiza trabalho como actor. Monitor de danças tradicionais europeias na Quinta da Regaleira (Sintra), é ainda responsável pelo Blogue Trad Balls, onde se pode encontrar bastante informação, com uma agenda actualizada sobre Bailes, Jam Sessions, Festivais, Fotos e Oficinas de Danças Tradicionais que se vão realizando em Portugal e no estrangeiro. Faz parte dos Dançarilhos e do Rancho Folclórico das Salineiras de Lavos.

Sábado / **13** / 18.00h
recinto exterior CAPAG

BAILE

"fol&ar"
(Hugo Lopes, João salvado e Miguel Gelpi)

Sábado / **13** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO MUSICAL

"fol&ar"

Domingo / **14** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO

Performance de Dança Contemporânea
Isa Araújo e Márcio Pereira

Segunda / **15** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO

folKatrua
Mª José Corte e alunos da E.B. 2/3 Santo André

Terça / **16** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO MUSICAL

Kalaka
demonstração de Hip Hop

Quarta / **17** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO

"Passagens do Tempo"
Fotografias de Duda e ESPAMÚSICA Canto Lírico

Quinta / **18** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO

"O segredo do perdão"
Curta metragem (c/ Soraia Granja)

Sexta / **19** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO

"Sentimentos escorregadios"
Dança Clássica c/ Luciano Fialho

Sábado / **20** / 10.00h - 17.30h
CAPAG

2º WORKSHOP

"Laboratório sobre o Corpo"
Formadora: Sofia Neuparth (Fundadora e Directora do C.E.M., Centro Em Movimento)

Vamos a ver... sobre quê?! Sobre a vida. Mais específico?! ... Mmm... Sobre os lugares navegados da pessoa que transita... Mais específico?!... Sobre o rastro da presença que caminha num lugar rasgado... Ainda mais?! Sobre a acção da pessoa, do lugar, dos vírus, dos escombros, das borboletas, das gotículas, das janelas e também dos cães que passam... Sobre a história da velhinha que namorou nessa esquina e também sobre a laranja que comeste ao almoço. Sobre nós todos agora... Sim, sobre isso tudo.

Sábado / **20** / 21.30h
átrio ESPAM

ANIMAÇÃO MUSICAL

Jazz
Mathieu Erlacher

* <http://diletantefado.blogspot.com>

Blogs

Lembro-me que nos anos da minha adolescência se exibiam nas montras diversos modelos de diários pessoais apelando à expressão do mundo interior e renunciando o sucesso de vendas que viria a ter o “Diário de Anne Frank”, editado em 1982 pelas Ed. Livros do Brasil. O que é certo é que para mim também causava fascínio poder ter um confessor desse tipo, um amigo invisível de compreensão plena onde pudesse exteriorizar as minhas revoltas, as minhas introspecções, os meus entendimentos sobre o quotidiano, os meus devaneios. Assim que me foi possível, comprei um. Tinha uma capa em napa castanha e impresso a letras douradas – “O meu diário”. Para além disso, uma fechadura também dourada aplicada na respectiva capa era o garante de segurança do direito à privacidade dos seus conteúdos, o que parecia aumentar-lhes a importância. Corria a segunda metade dos anos setenta e a revolução tecnológica era ainda um embrião em lento desenvolvimento.

Trinta anos mais tarde os diários voltam a estar em voga. Mas agora as coisas são substancialmente diferentes. A caneta foi substituída pelo teclado, as suas páginas deram lugar ao ecrã do monitor e o fundo que outrora era o branco do papel pode ser agora, por si só, um objecto de criação de infinitas paletas.

Estamos na Era da Internet. Os diários passaram a denominar-se blogs. Tudo o que é necessário para os consultar é ter acesso ao seu endereço electrónico ou a uma hiperligação que nos transporte até qualquer um. Na genera-

lidade dos casos, um contador de visitas atesta o número de consultas efectuadas, o que manifesta como se tornou obsoleta a chave d’O meu diário’. Mais que apenas um diário, o blog revela-se um fenómeno de liberdade de expressão, especialização de conteúdos e vasta diversidade temática. Passou a fazer parte do quotidiano de muitas pessoas e a notoriedade de alguns tem mesmo permitido a sua edição em livro, consagrando o pontual sucesso de vendas.

Se nos debruçarmos sobre a blogosfera do Triângulo dos Ésses – Santiago, Santo André e Sines – conseguimos encontrar aí também a diversidade e a especialização características deste meio de expressão. Tal como na blogosfera geral, a qualidade dos conteúdos é por vezes discutível, o que, apesar de tudo, denota mais um sintoma da liberdade de expressão em todo o seu fulgor. Mais que diários pessoais podemos dividi-los em grupos temáticos. Um conjunto de galerias dentro das quais se evidenciam os espaços representativos de maior interesse.

Na galeria de ensaio musical, chamo a vossa atenção para o “Dias Atlânticos” Um weblog sobre música. Toda. Qualquer. Desde que nós gostemos, claro, <http://diasatlanticos.blogspot.com>, apresenta vários ensaios e artigos de opinião no domínio da actualidade musical internacional. Também dentro desta galeria, é de destacar o trabalho de “Big Black Boat” Embarquem neste grande barco preto dominado pela música que não se arrependerão... <http://big-black-boat.blogspot.com>.

Passando à galeria de escrita criativa a atenção prende-se nas palavras de

Carlos Veríssimo no “rearview mirror” em <http://rearview-mirror.motime.com>. Do mesmo modo em relação a “Ser [ser] mutante – O ser humano e o verbo ser do transformador, mutante e metamórfico.” <http://www.sermutante.mo-time.com>.

Na galeria de imagem, encontramos diversos álbuns a merecerem a demora do olhar. Logo a abrir a secção plástica, o interessante trabalho de André Lança, <http://mindstealer.deviantart.com>. Na secção fotográfica, Miss Kitty exhibe uma série de trabalhos que privilegiam o preto & branco, apesar de também os haver a cores em <http://svaltalfar.deviantart.com/gallery/>. Também nesta secção, encontramos as propostas de Dr. Decadência, <http://www.iwas-there.gigafoto.com.br>. Ambos exibem outros trabalhos em http://www.fotolog.com/best_20.

Passando à galeria de informação regional, temos o “Alentejo Magazine” <http://alentejo-magazine.blogspot.com>, e o “Atlântico”, <http://www.atlantico-radio.blogspot.com>.

Na galeria de promoção literária, o “a das artes”, <http://adasartes.blogspot.com>, é senhor do espaço e fornece, tal como os outros, entradas para links diversos inclusive, de outros blogs da região. O mesmo o faz a “pedra do homem”, <http://pedradobomem.blogspot.com>, um interessante trabalho de opinião crítica versando os mais diversos temas da actualidade política e social, com os olhares profundos e acutilantes de José Carlos Guinote e Maria José Botelho. E assim vai a blogosfera no Triângulo dos Ésses, um universo em expansão dia após dia, que obriga a separar as estrelas dos meteoros.

A caixa

texto: Dávia Pádua
desenhos: Edgar Raposo

A manhã tem no horizonte os pensamentos da noite anterior. Na rua os bafos azulados à frente da boca das pessoas.



O homem da cidade imita um sorriso mas não é um sorriso de verdade que vê desenhado no espelho retrovisor do carro. O homem da cidade tem muitas noites no rosto, o homem da cidade não dormiu a pensar no conteúdo da carta.

Curvas e ruas apertadas, subidas abruptas e depois nada, depois uma casa, um largo, uma praça e pessoas velhas.



O homem da cidade pergunta ao velho da vila onde está, e onde deve ir, por onde é.



Encontra uma casa antiga e uma pequena caixa, abre-a.



A escuridão, de repente. A espessura de uma onça. O sopra vulcânico do medo. As sombras da casa sobre o seu silêncio a olhar o fundo da caixa



O homem da cidade tem todos os pensamentos à sua volta. São pedaços de carvão, são covas profundas na areia da praia, é o tempo indefinido quase inerte, fechado



O homem da cidade com a caixa aberta na mão.





OS DESCOBRIDORES DO YUCATAN

O famoso jogo de tabuleiro “Os Descobridores de Catan” de Klaus Teuber serviu de pretexto para uma viagem à Península do Yucatán no México. É puro nonsense. Do jogo nada se tira para esta viagem a não ser o prefixo catan. Mas pareceu uma razão suficiente para descobrir a terra que foi o berço da história gloriosa e frequentemente violenta da civilização Maya. E também a primeira viagem sem rede com a Sílvia, minha mulher. Por isso, logo à partida, houve um acordo tácito. Primeira semana num resort com mais estrelas que o céu mais estrelado e a segunda semana pelo México profundo. Mas sempre com muito glam. Glam trekking. Glam expedition. Glam adventure. Glam wonders. Não havia espaço para umas botas malcheirosas ou barba por fazer.

Mas eis o que de facto aconteceu. Chegamos a Cancun e saímos logo de lá. Cancun é a Benidorm dos estudantes Americanos. Estão todos lá em festas de fim de ano e a cidade é o cúmulo da sociedade estratificada: americanos de dois metros e mexicanos de metro e meio. Fugimos em direcção a Tulum onde fomos recebidos por uma recriação de um desfile Maya com umas Mexicanas roliças a ondular as ancas num imenso portal de pedra que parecia a reconstrução de um templo antigo. Era o lobby do

hotel. Entre ondular de ancas lá fomos guiados para o nosso quarto plantado à beira mar. O ar era quente e húmido. E as praias caribenhas e azul-turquesa estavam cheias de peixes que não fugiam de nós. Era o paraíso. Até para comer só nos tínhamos de arrastar até a qualquer uma das palhotas com sumos tropicais, Margarita's, guacamole, fajitas e outras delícias culinárias. E claro, tanto luxo, fez-nos recuperar energias em apenas 2 dias. Decidimos aproveitar o resort para dormir e o resto do dia para explorar as vizinhanças. E da forma mais mexicana possível. Fomos para a porta do hotel de multi-estrelas apanhar boleia das Combis. Combis são umas carrinhas que fazem de autocarro e táxi ao mesmo tempo. Não há paragens, apenas temos de estar na estrada à espera que nos levem. Nas Combis metemos conversa com os mexicanos que dão conselhos acerca melhores sítios a explorar na vizinhança, geralmente a um décimo do custo que seria se fossemos numa excursão do hotel.

Ruínas Maya à beira mar. Fomos para Tulum, onde se encontram ruínas Mayas bem preservadas num majestoso desfiladeiro sobre uma praia de areia branca e mar azul-turquesa. Trata-se de uma cidade já do período do declínio da civilização Maya. Estava habitada quando Juan de Grijalva se maravilhou com os seus muros azuis, vermelhos e amarelos, que mais parecia um Galo de Barcelos, em 1518. Agora maravilhamo-nos com os muros já esbranquiçados pelo sol mais ao gosto minimal do século XXI e a pensar

como o tempo fez por adaptar a mesma cidade a gostos tão diferentes.

Batismo de Mergulho. No dia seguinte apanhámos uma Combi para Playa del Cármen de onde partia o ferry para Isla Cozumel. É uma ilha de coral rodeada de águas cristalinas onde se consegue avistar até 50 metros de distância debaixo de água. Cozumel tornou-se um destino de referência para mergulhadores desde que Jacques Cousteau fez um documentário sobre os seus espectaculares recifes. Cozumel foi também um santuário da cultura Maya. De todas as mulheres Maya da Península do Yucatán era esperado que viessem em peregrinação pelo menos uma vez na vida prestar honras a Ixchel, a deusa da fertilidade e da lua. O mesmo Juan de Grijalva descobriu Cozumel e um ano depois Cortés chegou à ilha. Ficou satisfeito com o saque a apenas uma das 32 povoações Mayas na ilha, mas transmitiram o vírus da Varíola. Metade dos 8000 habitantes morreram e os restantes foram dizimados nas seguintes visitas escapando apenas 200. A ilha permaneceu deserta até ao século XVII onde foi refúgio de reais piratas das Caraíbas.

Quando chegámos, aventuramo-nos para as margens mais a sul da ilha com a ajuda de Miguel, o mergulhador mexicano que nos inspirou mais confiança. Fomos num Carocha tão ferrugento e gasto que dava para ver a estrada por dentro com mais 3 turistas. O nosso batismo de mergulho seria no Parque Marino Nacional Arrecifes de Cozumel onde está o extenso



Arrecife Palancar. Equipamo-nos até aos dentes. E, após um mergulho surdo, todo o corpo submerge nas águas cristalinas. Estava ansioso, tentava controlar a respiração. Os óculos limitavam-me a visão. Procuo o Miguel e a Sílvia. Ensaíamos tirar o bocal de respiração e voltar a pôr caso uma das botijas falhasse. Ficar a 10 metros de profundidade sem bocal e sem poder subir. Lembro-me das aulas de Teatro e controlo a respiração e o medo. Tiro e volto a por o bocal com calma. E fui-me deixando levar pela impressionante vida marinha. Deixar o corpo flutuar. Mexer ligeiramente as barbatanas e aproximar-me dos recifes. Os peixes parecem enormes. Com tanta euforia, já o sol estava no horizonte e ainda não tínhamos almoçado. Comemos o melhor almoço das nossas vidas num restaurante sobre estacas com o alaranjado do entardecer. Miguel já se tinha ido embora. Estava a estudar na Cidade do México mas refugiava-se todos os Verões em Cozumel. A água estava tão quente que não resistimos a mais um mergulho. Desta vez snorkel. O excesso de confiança da primeira experiência de mergulho levou-nos a chapinhar para bem longe da costa. Debaixo dos nossos pés estava uma imensidão marinha. Parecia que voávamos 20 metros acima do solo. Um enorme cardume de peixe dançava lá em baixo. Até aparecer uma barracuda. Acreditem ou não, aquilo era uma barracuda. O cardume abriu-se num buraco em volta da barracuda que ali ficou como quem avalia o melhor ângulo de ataque. Mal sabíamos que

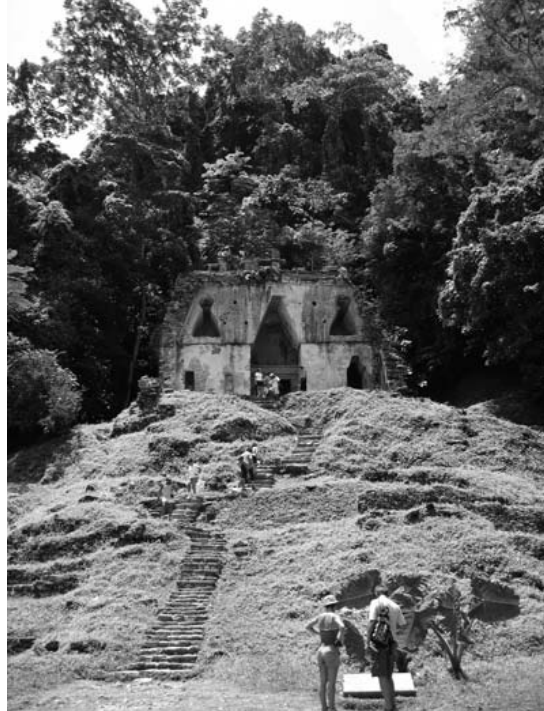
peixes daqueles mordiam. Mas o respeito por um peixe daquele tamanho fez-nos recuar e nadar a toda a velocidade para a costa.

Dentro da barriga da baleia. No dia seguinte, fomos explorar cenotes. Era o termo novo que inspirava curiosidade. Mas tratavam-se de grutas com água límpida escavadas em grandes extensões calcárias da Península do Yucatán. Existe um outro mundo no subsolo. Quilómetros e quilómetros de grutas onde se pode fazer snorkel ou mergulho como quem passa o que o Pinóquio passou dentro da barriga de uma baleia. Havia cenotes cheios de água quase até ao tecto. Só havia espaço para passar o tubo de respiração. O resto do corpo ia submerso a seguir, sem espaço para aventuras, cada braçada do guia. Parecia que andávamos colados ao tecto de uma enorme sala. E por vezes via-se lá em baixo luzes azuis a brilhar nas profundezas. Eram grupos de mergulhadores que deslizavam por baixo de nós a aventurarem-se pelo labirinto de grutas dos cenotes. Segundo o guia, era possível percorrer 30km de túneis. Claro que nos ficámos pelo esófago da baleia e voltámos rapidamente para céu aberto.

O nascimento das Tartarugas. Fartos de uma realidade tão intensa fomos para Xel Ha, um eco-parque altamente Disneyficado. A maior atracção é uma descida dos rápidos de um rio em cima de uma bóia king size. Pelo meio podíamos fazer snorkel. Com tanta agitação na água não havia vida marinha

que se aguentasse. A melhor vista debaixo de água era a elegância elefantina das pernas roliças de várias Americanas. No fim, vestíamos uns capacetes metálicos com forma semelhante aos dos apicultores. No fundo eram a evolução moderna dos primeiros escafandros. Estavam ligados a um tubo de onde vinha ar e assim podíamos ir debaixo de água ver um mero gigante. À noite ainda havia fogo de artifício mas decidimos fugir de tanta fantasia de volta para o hotel. A melhor decisão, no fundo. Ao chegar ao hotel, milhares de ovos de tartaruga estavam a eclodir. As praias do resort eram um local centenário de nidificação de tartarugas. Milhares de seres minúsculos arrastavam-se pela areia em direcção ao mar, atropelando-se uns nos outros numa corrida sôfrega pela sobrevivência. Apenas 1% iriam sobreviver até à idade adulta. A suave ondulação da água era suficiente para projectar as tartarugas de volta para a areia. Vulneráveis, lá voltavam a caminhar contra as ondas para desaparecer no mar. Ficámos a vê-las às centenas, uma a uma, a desaparecer pelo mar e pela noite.

O poço dos infieis. Chegara o fim da primeira semana e o bem bom acabou. Era hora de partir para a segunda parte da viagem. Uma aventura pelo México profundo em direcção ao Estado Chiapas apenas com uma coisa garantida: um Chévy. Chévy é o Opel Corsa lá do sítio. E o carro mais comum. Logo era o ideal para alugar e passar despercebido pelas várias paragens militares ao longo do



Estado Chiapas cuja segurança é um pouco volátil desde a Revolução Zapatista. Pelo meio, fomos ver Cobá, uma cidade Maya perdida no meio da floresta tropical com uma arquitetura distinta de todas as cidades da vizinhança apenas comparável com outra cidade, Tikal, já na Guatemala, a várias centenas de quilómetros. Pensa-se que mulheres governantes de Tikal terão casado com a realeza de Cobá trazendo na corte arquitectos e artesãos locais. A maior avenida pavimentada com pedras Maya, as chamadas sacbés, tem 100km e parte da pirâmide Nohoch Mul em Cobá. Junto com outras 39 sacbés que partem de Cobá, forma-se uma gigantesca máquina do tempo arqueológica. A orientação das avenidas está relacionada com a posição dos astros.

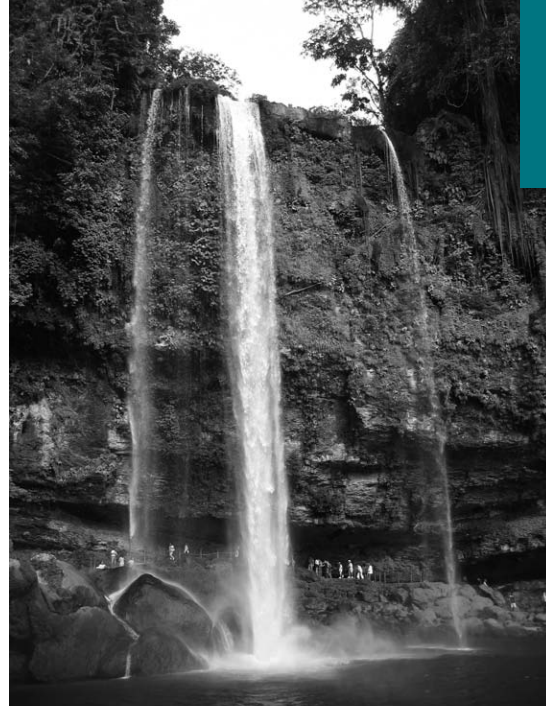
Voltámos a correr para o nosso Chévy para ver se chegávamos a Chichén Itzá antes do pôr-do-sol. Há uma sensação de liberdade ao andar de carro pelas estradas do México, com as janelas abertas a deixar entrar o ar quente e pesado. Apenas um fio de alcatrão corta a floresta tropical com macacos a espreitar cada carro que passa de vez em vez. O céu já estava cor de fogo quando chegamos à mais restaurada cidade Maya. Uma área equivalente ao Parque de Monsanto está perfeitamente recuperada. Impressionante. Nos equinócios (20 a 21 de Março e 21 a 22 de Setembro), o Sol produz um efeito de uma serpente a subir e a descer pela escadaria da principal pirâmide de Chichén Itzá, El Castillo. A pirâmide é, no fundo, o calendário Maya em pedra. São 18

terraços que representam os 18 meses de 20 dias do calendário. Por sua vez, existem 4 escadarias com 91 degraus cada uma. Se adicionarmos o degrau da plataforma do topo temos os 365 dias do ano. A subida é fácil. Uma vista colossal sobre toda cidade recuperada e ainda de outros templos perdidos no meio de uma mar de floresta densa a perder pelo infinito. Dentro da pirâmide, existe uma outra pirâmide. Surpreendente. Parece quase impossível que aquele maciço de pedra pudesse esconder outra pirâmide sem ruir. E no topo dessa pirâmide escura está um trono em forma de um jaguar vermelho com olhos de jade. Quando chegámos, já estava fechada a porta que dava acesso à pirâmide interior... Chichén Itzá também tem o maior e mais impressionante campo de futebol Maya. As balizas são dois aros de pedra à altura de 3m. O jogo seria, no fundo, um género de basquetebol jogado com as regras do futebol. Existem tantos campos de futebol como os Estádios do Euro em Portugal, o que também revela a importância que tinham, embora perder tivessem graves penalizações. Pensa-se que o campo também servia de oráculo em períodos de crise. A equipa vencida seria sacrificada.

A 300m existe um enorme poço sagrado com 35m de profundidade. Em 1900, Edward Thompson, um professor de Harvard e cônsul dos Estados Unidos no Yucatán, comprou a fazenda que incluía Chichén Itzá por 75 dólares. Estava intrigado com as histórias de mulheres virgens que eram atiradas ao poço em sacrifício aos deuses Mayas

e decidiu secá-lo. Foram descobertas jóias em ouro e jade de todas as partes do México e uma variedade de ossos humanos. Outros artefactos foram descobertos em mergulhos posteriores e chegou-se à conclusão que todos, sejam crianças, velhos, doentes, lesionados ou jovens e vigorosos foram sacrificados no poço.

Mérida profunda. Fomos dormir a Mérida. Já era noite quando chegámos. Atravessámos ruas e ruas de lata em esquadria como um jogo de batalha naval. Calados, a sentir a pressão de uma cidade enorme de ruas estreitas, extremamente habitada e extremamente abandonada. O tempo passava devagar em cada rua que cruzávamos com o ar pesado e a respiração controlada para parecer discreto no meio de tanta gente, casas e carros. Ao fim de 1 hora a atravessar pelo meio a cidade, chegámos ao centro e maravilharmo-nos. Uma cidade de arquitectura colonial, conservada no tempo, cheia de praças, cafés e terrazas. Ficámos no Gran Hotel um clássico de 1901 com quartos virados para uma praça central, com portadas de 2m em ripas verdes e ventoinha para arrefecer. Vivemos e comemos como lordes. Após Mérida seguiu-se uma viagem de endurance até ao Estado Chiapas. Com poucas paragens, apenas para dormir, como Champotón, à beira do Golfo do México. Uma decepção e um contraste. O que a costa caribenha tem de tropical e paradisíaco, a costa do golfo tem de escuro e estéril. Parecia uma cidade onde ficam os motéis onde acontece sempre algo de uma



realidade crua num filme de cinema King.

A capital da Atlântida. Em cada paragem militar, reduzíamos a velocidade, tirávamos o mapa de cima do tablier, abríamos o vidro do Chévy e púnhamos o braço meio de fora, apoiado sobre a porta, como um Mexicano a fazer o seu vá para fora cá dentro. Um cumprimento discreto aos militares, olhos nos olhos, e passávamos incólumes. Tínhamos de chegar à misteriosa cidade de Palenque ainda hoje, senão não havia tempo para vê-la e ainda fazer todo o caminho de volta para apanhar o avião em Cancun.

Já dentro da floresta virgem, a estrada plana dá lugar a curvas sinuosas a subir pela escarpa das montanhas. Palenque está escondida por detrás desta muralha. Passamos por pequenas aldeias de 3 a 4 casas. Parámos várias vezes atraídos por sinais de cascatas. Mergulhamos em piscinas naturais a céu aberto para refrescar. Ou fomos forçados a parar por crianças que atiravam pedregulhos na estrada. Um velho truque para forçar os carros a abrandar e poderem pedir esmola.

Em 1773, caçadores Mayas disseram a um Padre Espanhol que havia palácios de pedra no meio da floresta. O Padre Ordóñez y Aquilar conduziu uma expedição até Palenque e escreveu um livro a afirmar que se tratava da capital de uma civilização tipo Atlântida. Em 1787 é efectuada nova expedição pelo Capitão Antonio del Río. O relatório é arquivado na Guatemala e só em 1822 é que são traduzidos e publicados na Inglaterra por um resi-

dente britânico na Guatemala. Tal facto originou uma vaga de aventureiros que enfrentaram a malária e outros perigos para desvendar a cidade perdida.

Um destes personagens mais característicos foi o excêntrico Conde de Waldeck que aos 60 anos viveu no topo de uma pirâmide durante 2 anos (1831-33)! Estivemos lá e acreditem que é bastante precário. São 4 metros quadrados apenas tapados em 3 dos lados e com um tecto a 1,7m de altura. O Conde escreveu um livro cheio de desenhos fraudulentos que comparavam a cidade a grandes civilizações Mediterrânicas, o que só reforçou a crença de que se tratava da perda de Atlantis ou de uma extensão do Egipto. Em 1837, John Stephens, um arqueólogo amador de Nova Iorque e o artista Frederick Catherwood fizeram a primeira investigação científica mostrando o complexo de 6 pirâmides e o sistema de aquedutos. Foi finalmente o arqueólogo Mexicano Alberto Ruz Lhuillier que revelou o túmulo secreto do Rei Pakal de Palenque em 1952 (180 anos depois) e o arqueólogo Americano Merle Green Robertson que organizou a primeira mesa redonda interdisciplinar para dar um grande ímpeto à investigação da cultura Maya.

A paisagem e pirâmides de Palenque são tão impressionantes que ainda hoje, à margem da lei, os templos são visitados durante a noite para rituais profanos ou reuniões secretas. No Grupo de las Cruces existem 4 pirâmides em honra ao filho do Rei Pakal com frescos ainda visíveis e uma arquitectura fora do comum. Consta que

os arquitectos comiam cogumelos mágicos (os mesmos que devem ser usados nos rituais nocturnos de hoje...) e que isso os inspirou a criar pirâmides com lajes de pedra empilhadas em forma de cruz, tal como a estrutura de uma janela.

Existe um impressionante palácio com 4 pátios rodeados de corredores tipo claustros. Tem uma torre onde a realeza podia contemplar o pôr-do-sol sobre o Templo de las Inscripciones durante o solstício de Verão. Neste templo foi sepultada a Rainha Vermelha, provavelmente mulher do Rei Pakal, cuja múmia estava coberta de canela.

A cidade é enorme. A melhor forma de ver Palenque é alternar a visita às ruínas com banhos em cascatas e umas fajitas com salada de tomate, pimentos e cebola. Ou então perder algum tempo a ver o comércio local. Palenque está cheio de mercados de rua com réplicas dos frescos e baixos-relevos dos templos. Mas vendidos como se fossem feitos à mão. Contudo, como sempre, é fundamental regatear até à exaustão. Afinal os artefactos são feitos em linhas de montagem industrial. Uma mina para enganar Americanos gordos e uma das indústrias mais rentáveis de Palenque, a perpetuar a longa tradição de enganar por detrás da sua história.

Acabámos a viagem como todas as outras viagens. Cansados. Mas cheios. Todo o percurso foi filmado com uma mini câmara de vídeo para reavivar alguma memória escondida dos Descobridores do Yucatán.

teatro umano



O Teatro Umano é um ponto de encontro teatral entre Lisboa, Bolonha (Itália) e Santiago de Compostela (Galiza).

O grupo tem as suas raízes no fecundo terreno, âmbito de excelência para desenvolver projectos artísticos e teatrais com uma forte vertente de intervenção.

Como companhia teatral de matriz luso-italiana, o grupo nasce pelo impulso da sua actual directora artística, Rita Wengorovius. Licenciada em teatro e educação no Conservatório de Lisboa, passa a coordenar as actividades nacionais de expressão dramática e teatro nas escolas para o projecto “Viva a escola!” do Ministério da Educação. É fundadora do Bica Teatro no início dos anos Noventa. Junto dela, naquele grupo, onde deram os primeiros passos alguns dos profissionais de teatro e artes performativas mais activos nos anos seguintes, encontravam-se Paulo Patraquim, Maria João da Trindade e Margarida Mestre.

«Foi um período de grande fervor criativo, sem parar, noites e dias sem horários. Subir ao palco e representar era, ao mesmo tempo, um objectivo de realização pessoal e profissional», lembra Wengorovius.

É a partir daí que o embrião do grupo Teatro Umano começa a ganhar vida. Rita resolve tirar um mestrado em Santiago de Compostela em Criatividade aplicada ao Teatro, para aprofundar teorias e práticas, no sentido de adquirir novos recursos e estímulos profissionais. Vive e trabalha em Santiago durante três anos, deslocando-se também cada vez mais frequente-

mente a Itália, país para onde vai viver no fim do mestrado. Aí, começa a ter os primeiros contactos com grupos e companhias de teatro social, activos em Bolonha (Teatro Solo), Reggio Emilia (Giolli – Teatro dell’Oppresso), Modena (Teatro San Gimignano, Teatra-Mi-Sú!).

Por um tempo, Lisboa e Portugal ficam para trás, aguardando o futuro. Fundamental é o encontro, em Modena, com o encenador russo Serghei Issaev, do Gitis de Moscovo, assim como deslumbrante é a formação recebida de Augusto Boal, o brasileiro fundador do Teatro do Oprimido.

Acabado o mestrado na Galiza, e com um trabalho como responsável artística do projecto MUS-E Itália, e actriz do grupo de Teatro Debate Teatra-Mi-Sú!, Wengorovius decide voltar às raízes, regressando a Portugal com uma mala cheia de ideias, projectos, ferramentas teatrais, recolhidas e experimentados pela Europa fora. Entre os quais, o “seu” teatro debate.

Iniciam-se as parceiras com dramaturgos e encenadores italianos, como Roberto Benaglia e Roberto Mazzilla, e ainda com o actor Alberto De’ Paoli, que posteriormente mudaria para Portugal, e que agora integra o grupo teatral.

Em Lisboa, forma um núcleo de colaboradores (Alberto Nico, Zé Alberto Morgado, Nelson Monforte, Simonetta Venturini, Pedro Vieira, Felisberto Santos, Carla Gomes) para o arranque duma nova viagem, desta vez rumo aos palcos nacionais a bordo de um “novo navio”, chamado Teatro Umano.



«Rigorosamente, como se escreve em italiano, sem o agá inicial, para chamar mais a atenção e fazer com que as pessoas parem a reflectir sobre os conceitos por detrás desta palavra», explica Rita. O grupo desenvolve pesquisa e texto em Teatro Social, em que a principal técnica utilizada é a do debate.

«Este tipo de teatro prevê, no final de cada espectáculo, que o público vá ao palco representar, tentando resolver os conflitos e problemas apresentados na peça e na acção teatral», explica a actriz Simonetta Venturini. Primeira companhia a utilizar nos seus espectáculos em Portugal as técnicas do teatro debate (derivadas da tradição do teatro social italiano), o grupo tem levado peças aos palcos de todo o País, desde o coração de Lisboa (Teatro da Trindade) ao Alentejo, do Algarve ao Ribatejo.

A Companhia realiza Teatro Debate – sustentado sempre por um forte e coerente espectáculo e nunca numa vertente didáctica ou moralista – para diferentes faixas etárias. O teatro debate para adolescentes é aplicado à resolução criativa de problemas, nomeadamente a complexidade das relações entre as gerações, a educação aos afectos, a sexualidade, as mais variadas dependências (álcool, drogas, consumo, tabaco) e as grandes interrogações do crescimento, que o próprio público tem de identificar e procurar resolver.

Para as crianças, a nossa pesquisa é apoiada por textos de Roberto Mazzilla que visam uma identificação com as

grandes questões da peça e baseiam-se nas abordagens italianas da filosofia para crianças e da pergunta como método teatral.

Para os adultos o tipo de participação é menos activa e mais efectiva no texto da peça.

O Teatro debate distingue-se do teatro tradicional por pedir um esforço suplementar ao público «As peças representam conflitos, problemas, e questões. O público tem a possibilidade de participar no final da peça, propondo novos pontos de vista e improvisando novo texto, em palco e na plateia vão-se construindo e teatralizando novos finais para duas cenas da peça», esclarece Wengorovius.

No fundo, o teatro debate é motor de um processo artístico-teatral e político ao mesmo tempo, cujo objectivo é alertar para as grandes tragédias da vida «Umana».

Cada espectáculo é constituído por um trabalho de «fiscalidade» e texto contemporâneo que visa uma forte identificação do público com as personagens. Cada uma das peças aborda um conflito central de valência social. No fim da representação, o moderador («jolly») do «debate» teatral – figura central deste processo – interpelará o público no sentido de estimular a entrada dos espectadores no palco, propondo novas soluções para os problemas apresentados.

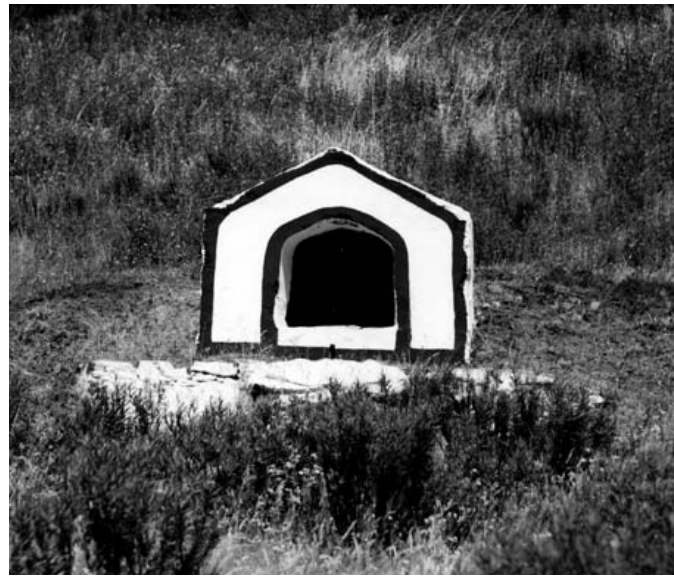
«Este tipo de teatro, tenciona abordar temas sociais, descobrir soluções novas, teatralizar pontos de vista» diz a directora artística. «Este segundo momento não poderá ser considerado «teatro»

– continua – no sentido tradicionalmente dado a esta palavra, mas sim um momento de jogo dramático com um intuito de desenvolver o sentido de responsabilidade e de cidadania, é teatro político porque pretende provocar a participação e vontade de revolucionar velhos e novos conflitos». O teatro debate vai assim ao palco em todas as peças da companhia, que desde 2001 criou e representou: «Sexo, drogas e capoeira...você decide!», «Espeta-Colher», «Gugu Dádá, como nascem os bebés», «Sexo, pastilhas e SMS...você decide!», «Devoradores de livros», «Adolescer ou não adolecer?», «Não vais viver para sempre», «Transparentes», «Fatinha Fatela deu cabo da mãe dela com o compra, compra, compra!».

Além da sede na capital e da parceria com o IPJ-Lisboa, o Teatro Umano recentemente entrou na gestão colectiva do Espaço Comum, uma nova estrutura de produção e intervenção cultural em Évora.

«Representar é aceitar o desafio, é aceitar melhorar-se através do prazer, o que faz do teatro um instrumento fantástico para o educação»
(Peter Brook)

«O teatro pode ser uma arma de libertação. Para isso é necessário criar as formas teatrais correspondentes, é necessário transformar. Aqueles que vão ao fundo das coisas, que fazem experiências, não tem medo de transformar o estabelecido»
(Augusto Boal)



As Fontes

Desde a mais remota antiguidade que as fontes são consideradas importantes locais para a subsistência da vida humana, encontrando-se in illo tempore ligadas a muitos mitos criadores e, em épocas mais tardias, às mais variadas lendas cristãs, sendo por isso responsáveis pela presença de edificações simples ou mais sumptuosas, ou então por espaços minimamente retocados, que aproveitaram singelamente formações naturais de onde brotava o líquido aquífero. No

caso português, mais concretamente na zona sul do alentejo, as fontes surgem espalhadas um pouco por todo o lado, aflorando de rochas sedimentares carbonatadas, metamórficas ou areias, espelhando virtudes terapêuticas, que as tornaram muito concorridas, ou destinando-se simplesmente ao abastecimento quotidiano de populações ainda eivadas de antigas tradições. Muitas delas foram construídas em alvenaria tradicional, algumas vezes com pormenores de cariz erudito, ou na sua variante de alvenaria “inssossa”, nalguns casos com ornatos

do mais popular que se possa imaginar. Porém, a força telúrica que as envolve deixou as suas marcas, presentes especialmente nas diversas lendas a que estão associadas, cruzando em simultâneo símbolos ligados a mitos vivificantes, fecundantes, mouras encantadas de tempos idos e aparições milagrosas relacionadas com o cristianismo, em boa parte ligadas a aparições da Virgem Maria, contribuindo para criar belas estórias que ajudavam a preencher e estimular a imaginação dos nossos avós e pais. Eis o retrato das fontes que por cá ficaram! **C.S.**

Fontes santas

As “fontes santas” congregaram um remoto culto das águas e do seu poder purificador e até fecundante. Alguns exemplos encontrados no concelho de Odemira ilustram esta afirmação. Frequentemente, são associadas a S. João por analogia com o baptismo de Cristo no rio Jordão, num fenómeno de assimilação muito frequente.

No lugar da Portela da Fonte Santa (Sabóia), segundo a tradição, brotava água de uma fonte que, recolhida antes do nascer do sol da manhã de São João, fazia levdar a massa do pão sem necessidade de fermento, tal o seu poder fecundante. Porém, certa vez, um padre fez banhar um cão com “fígado” (menção a uma doença de pele assim designada) na fonte, e, por esse motivo, a virtude da água perdeu-se. A intervenção de um padre, que extingue a

aptidão milagrosa da água da fonte, poderá metaforizar a intervenção da religião oficial na supressão de um antigo culto popular de raiz pagã.

No Vale de Santiago, onde, em lugar da Santa Catarina do seu orago, a devoção popular elegera Nossa Senhora da Luz, também reminiscência de antigo culto, ocorre uma conjunção entre esta e uma milagrosa fonte. Escrevia o pároco, em 1758, que nas proximidades da aldeia havia uma fonte de que brotava, algum tempo antes, abundante jorro de água, a ela acudindo muita gente que dizia ser milagre da Senhora da Luz. Anualmente realizava-se uma procissão ao longo do percurso entre a igreja e a fonte, com sermão de “um orador sagrado”, em que devotamente os paroquianos se incorporavam, e ainda hoje encontra veneração entre o povo. Em Santa Clara a Velha, perto dos

montes da Casa Nova e da Referta de Baixo, uma Fonte Santa, que, entre outros dons, curava males de pele e chagas diversas, atraía, pelo S. João, inúmeras pessoas, originando ambiente de festa e danças, com canto baldão e despique, e uma barraca de bebidas para satisfazer a afluência. Neste caso, a valia da água trazia também pessoas para se abastecerem noutras alturas do ano. A construção de um pontão rodoviário sobre a linha férrea, durante recentes obras na via, destruiu-a – sem necessidade, ao que se diz, pois poderia ser localizada mais apropriadamente noutra altura – revelando um novo mundo onde não há lugar para fontes santas, em que tecnocratas de fora arrasam significantes elementos materiais da mitologia local, que a escassa e idosa população do lugar já não tem energia para defender.

M.Q.



“A Funçanata”

“Desmanchar o porco não me interessava grandemente; em breves audiências o Narciso fazia esse serviço, ele só, porque em trabalhando com as criadas era um laneiro pegado, e ele tinha uma ponta de língua de meter medo. Mais tarde, quando se fazia os chouriços, eu não me dispensava de assistir, à cata de um ratinho, que vinha a ser um bocado de tripa, rota em dois pontos, só aproveitável, por brincadeira, para um chouriço pequenino.

Era da praxe, em dia de matança, distribuir-se aguardente pelos ganhões que tinham entrado na funçanata, e essa distribuição era eu que a fazia, copo a este, copo àquele, dobrando a dose para os mais velhos, porque necessitam, diziam eles, de mais calor que os moços.

No rescaldo da fogueira, alimentada

com alguns tanganhos grossos, punha-se a assar o meu quinbão, a minha assadura, como se lhe chamava, e que umas vezes era o rabo – reparta com os manos! – outras vezes era a metade de uma orelha, quando minha mãe as não requisitava inteirinhas, as que fossem, para serem comidas ao almoço, assadas nas brasas, com azeite e vinagre, cebola picada e uns raminhos de salsa.

A matança!

Gostava de me aquecer ainda ao calor de uma grande fogueira, a arder à empena do Monte, por uma fria manhã de Dezembro, atirando para as chamas grandes paveias de tojo seco, extasiado a ver a labareda, em cone, abrindo um rasgão de luz na escuridão da noite – como as almenaras do velho tempo mourisco, reverberando nas atalaias perdidas.”







/ Burguesas, seguramente burguesas

A pose lembra ainda a pintura, mas a arte, a fotografia, que lhes fixa o olhar e a atitude é já nova. O diafragma capta-lhes a pose, breve, que poderão repetir, melhorar, assegurar-se que o registo ficou gravado, mudar de posição, alterar o entrecruzar das mãos, o modo como repousam num qualquer objecto, a inclinação do busto, a rotação do rosto, o destino dos olhos. Ao fotógrafo cabe a possibilidade de experimentar a profundidade do retrato, a sua luminosidade, o jogo dos contrastes, assegurar que cada um dos retratados possa dispor da sua própria fotografia, entrando-se numa era da reproduzibilidade mecânica da arte, como sublinhou Walter Benjamin.

Destas fotografias, em si, sabemos, porém, pouco. Que grupo é este? Que senhoras são estas, invariavelmente jovens, que aceitam juntar-se entre a rugosidade de duas paredes já macedadas pelo tempo?

O que as leva a estender um tapete sobre um chão de rua, aparentemente gasto, a aceitarem como cenário um fundo ainda de inspiração romântica e a disporem-se em torno de um rústico banco de casa de jardim, entrelaçado de troncos de sobro, onde se sentam e a que se encostam?

Burguesas, seguramente burguesas, pelo vestir, pela pose, na semelhança que transpiram enquanto grupo. O cabelo apanhado em cima, numa espécie de carrapito, as bandoletes que os seguram, os leques, os pregadores, a sombrinha, os frisados, os bordados e os pespontados das jaquetas, a silhueta dos espartilhos, as golas subidas, o aveludado dos tecidos, os brocados, o comprido das saias...

Burguesas também pelo cenário que

as enquadra, juntando-se certamente numa das quintas da orla da vila de Santiago do Cacém ou de Sines, que as famílias endinheiradas edificaram ou compraram, fosse na transição de uma aristocracia pequena, decadente e periférica a uma burguesia ascendente pelo negócio e pelo investimento ou a essa burguesia mesmo pertencendo. Será um fotógrafo de Lisboa deambulando pela província, “em excursão artística”, que as vai captar à entrada da última década de Oitocentos. Não sendo propriamente uma fotografia de família, teria quase necessariamente de ser uma forte sociabilidade a juntá-las diante da máquina que as fixará para a posteridade.

No meio do grupo, a quarta a contar da esquerda é Alda Guerreiro, a poetisa e propagandista do ensino popular, ainda menina nos seus doze, catorze anos, corpo franzino, que lhe permite vestir diferente, o laço a prender-lhe o cabelo caindo sobre as costas, o vestido mais claro, a meia de renda.

À sua direita, sentada, D. Isabel, Pidwell pelo casamento, recente ou porventura ainda futuro, a evocar-nos hoje esse entrelaçamento de famílias, de sociabilidades com uma dinastia burguesa de extracção inglesa que, instalada em Sines, na altura já em segunda geração, consolidava patrimónios e influências na região, com vastos interesses na terra ou na transformação e comércio da cortiça.

Praticamente todas as outras eram também inglesas nesse ambiente cosmopolita à escala de Sines, da sua baía, do seu porto e da sua praia, com os seus clubes de leitura e de convívio, sociedades masculinas de elite que começavam a ter, no reverso oculto

do seu espelho, uma presença feminina que se organizava, que convivia, que lia, que confidenciava, que pensava. Iam lentamente mudando os tempos e mudando-se a vida, germinavam as ideias republicanas, pairava um certo democratismo nas relações sociais, chegavam, ténues, as primeiras ideias socialistas, o ideário libertário ia contaminado os homens das artes e dos ofícios. Sines recebia as primeiras associações de socorros mútuos, filarmónicas, cooperativas e com tudo isso, porventura mais lentamente ainda, desabrochavam, tímidos, os primeiros feminismos.

É como se naquele círculo enconchado de jovens mulheres, que estas fotografias nos trazem até hoje, pairasse a espera, feita de uma impaciência surda, por uma descolagem, por uma aceleração do tempo histórico que o século XX não demoraria a trazer. E como foi enorme, turbulenta e vertiginosa!

